

TEATRO MODERNO

8

JORGE ANDRADE

Do mesmo autor:

PEDREIRA DAS ALMAS —
O TELESCÓPIO

(Col. Teatro Moderno, n.º 12)

A MORATÓRIA

10.ª EDIÇÃO

CAPA DE

RUBENS GERCHMAN

1989

LIVRARIA AGIR EDITORA

Copyright © de
ARTES GRÁFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS S.A. (AGIR)

CIP — Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Andrade, Jorge, 1922-1984
A567m A moratória / Jorge Andrade ; capa de Rubens Gerchman. — 10.ed.
10.ed. — Rio de Janeiro : Agir, 1989.
(Teatro moderno ; 8)

ISBN 85-220-0268-1

1. Teatro brasileiro. I. Título. II. Série.

89-0208 CDD — 869.92
CDU — 869.0(81)-2

LIVRARIA AGIR EDITORA

MATRIZ:
Rua dos Inválidos, 198 — Telefone: 252-0410
CEP 20231 — Rio de Janeiro, RJ

FILIAIS:
Rua México, 98-B — Telefone: 240-0881
Caixa Postal 3291 — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20001

Rua Espírito Santo, 845, Loja 16 — Telefone: 222-3038
Caixa Postal 733 — Belo Horizonte, MG — CEP 30000

DEDICATÓRIA DO LIVRO

A

ALFREDO MESQUITA

PREFACIO

«Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson
de repente ouço a voz de uma viola...
saio desanimado.
Ah, ser filho de fazendeiro!»

Carlos Drummond de Andrade

Não sei até que ponto certas e insondáveis afinidades serão capazes de me ligar afetivamente a uma peça como "A Moratória". O crítico dificilmente consegue vencer tais idiosincrasias profundas que, na maior parte das vezes, ele nem chega a perceber. Mas pode, em qualquer caso, denunciá-las e expô-las antes que outros o façam. Eu deveria ter começado, pois, confessando candidamente que Jorge Andrade e eu somos parentes. Parentes, é verdade, apenas segundo aquela velha e generosa maneira brasileira que torna primos, praticamente, todas as pessoas nascidas dentro de uma mesma região e classe social. O sobrenome que nos vincula não é nem o que ele nem o que eu assinamos e se desejássemos chegar a um ancestral comum teríamos provavelmente que remontar a muitas décadas e várias gerações. Claro está que um tal parentesco já quase nada possui de biológico: será antes uma espécie de ficção social, mantida respeitosamente em meios estáveis e conservadores como os rurais. Mas é aqui, preci-

samente, que melhor nos entendemos: não na identidade do sangue, mas na proximidade estabelecida pela obediência a um mesmo sistema de valores. Fomos, com efeito, criados ambos dentro de idêntica paisagem social — eu somente de passagem, nas férias, enxergando-a um pouco pelo lado de fora, ele, ao contrário, entranhadamente imerso nessa realidade humana que viria, mais tarde, a constituir o seu território literário de eleição como autor de teatro.

“A Moratória” relaciona-se, portanto, com um determinado Brasil. Uma zona de São Paulo, povoada por famílias do sul de Minas, que por lá se instalaram, em sucessivas migrações, a partir do início do século dezenove. As terras não tinham dono e foram apossadas em grandes, imensas extensões. Com a dificuldade de transporte, a riqueza era menos produção, dinheiro, luxo, do que um certo desafogo e largueza de viver. Ao fazendeiro cabia principalmente ser econômico e manter um olho meio atento sobre a propriedade, para evitar abusos maiores. O trabalho era concebido como uma atividade física, cansativa mas excitante, sem obedecer, contudo, a disciplinas rígidas, a planos e horários preestabelecidos, a demoradas operações financeiras. O divertimento masculino por excelência, nesta região tenuemente povoada, era a caça, tornada possível pela criação dos dois animais considerados nobres — o cachorro e o cavalo — e praticada através de gerações, com fervor já próximo do fanatismo. A sabedoria era a dos avós — os antigos — de preferência à dos pais, mito de uma idade de ouro familiar a que Jorge

Andrade procurou dar existência e credibilidade artística em “Pedreira das Almas”.

“A Moratória” evoca o fim, frequentemente melancólico, desse processo social: a divisão e perda das fazendas, com a ascensão de novas classes, facilitada por dois violentos choques: a crise do café e a revolução de trinta (ambos, não é preciso acrescentar, extremamente benéficos à democratização do País). Não compreenderá nada do alcance da peça quem não pressentir, por detrás dos indivíduos e dos episódios particulares que ela narra, a agonia de uma sociedade em vias de transição — aquela dolorosa passagem do Brasil dos fazendeiros para o Brasil urbano tão bem descrita por Gilberto Freyre. A sensibilidade de Jorge Andrade pertence a um tipo muito comum, embora pouco estudado, na moderna literatura brasileira, aparecendo, sob outras formas, em autores tão diversos como José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade: a sensibilidade do filho de fazendeiro, do homem que se conserva sentimentalmente preso, pela memória, a um passado patriarcalista que sabe já não ter qualquer significação atual.

“A Moratória”, entretanto, não desce a pormenores, não faz obra descritiva, nem se importa com o pitoresco. Os seus valores sociais ela por assim dizer os assume, percebendo-os por dentro, exprimindo-os não nesta ou naquela frase que se possa citar fora do contexto, mas na própria maneira de ser e viver de cada personagem. Quim é Quim como Lucília é Lucília, mas sendo apenas eles mesmos, com todas as peculiaridades e maneirismos pessoais, são também, sem o saber —

quase diríamos sem o desejar expressa e conscientemente o autor — padrões exemplares de sua classe social. Jorge Andrade a bem dizer não observou este drama: intuiu-o, sentiu-o na própria pele, testemunha ou protagonista que foi, na infância, de tantas e tantas histórias semelhantes a esta. O admirável, a este respeito, é que não haja na peça nenhum ressentimento. Jorge Andrade ama o velho Quim — sobre isso não há a menor dúvida. Mas o impulso que o levou a descrevê-lo foi o de entender em que medida o seu castigo é justo, não o de pôr a culpa nos outros. A falha — como mandava a tragédia clássica — está dentro, não fora das personagens. Qualidades e defeitos de toda uma classe são retratados com igual comoção e igual lucidez: lá estão o sentimento exaltado da dignidade individual, a honestidade e confiança nos negócios com os outros, a solidariedade familiar, mas, igualmente, os preconceitos e o orgulho de casta, a teimosia baseada no hábito incontestado do mando, e, sobretudo, a incapacidade de educar os filhos, de compreender e aceitar as novas condições de existência. As mulheres, mais realistas, afeitas ao trabalho caseiro que virá afinal a salvá-las economicamente, ainda resistem: entre mãe e filha, de Helena a Lucília, não haverá mais, talvez, do que um acréscimo de amargura, de dureza em relação aos outros e a si mesma. Para os homens, todavia, a mudança revela-se fatal. Sempre restará neles, fortíssimo, o sentimento de uma inconcebível diminuição — não só no sentido da degradação social, mas, inclusive, no de vida limitada, apagada, rasteira, medíocre, sem a liberdade

de movimentos, a ampla expansão da personalidade permitida pelos horizontes dilatados das fazendas.

Bem sei que este gênero de apreciação não agrada a certa crítica moderna, que tende a não considerar no artista senão o "homo aestheticus" — o grande inocente, aquele que nada vê, nada ouve e nada sabe fora da pura fruição dos valores estéticos, também estes puros e desencarnados. Pessoalmente, não acredito que tirar o escritor de sua condição terrestre, de homem entre homens, convenha à natureza da literatura, pelo menos do romance e do teatro, artes mescladas de reflexão, certamente muito menos formais que a pintura e a música. Mas como, por outro lado, não ignoro que só com idéias não se constroem obras de arte, quero assinalar certos aspectos mais propriamente teatrais de "A Moratória".

Observemos, para começar, que a linguagem da peça nos engana na sua pretensa simplicidade: parece ser mera transcrição quando é, em verdade, o produto de um feliz esforço de seleção e despojamento. É um estilo, em suma, um diálogo de teatro, capaz de nos dar a ilusão da naturalidade, indispensável a textos como estes, sem nada ceder, todavia, aos cacoetes, às imprecisões e repetições da fala mole e desfibrada de todos os dias.

Não menos admirável, tecnicamente, é a solução dada ao problema do tempo, problema central na dramaturgia européia desde que há dois mil anos Sófocles demonstrou, com "O Rei Édipo", que só se pode escrever uma obra-prima inteiramente voltada para os acontecimentos do passado e nutrida por eles. É pro-

vável, conforme observaram alguns críticos, que "A Moratória" deva alguma coisa, neste sentido, à "Morte do Caixeiro-Viajante" — mas apenas como inspiração, ponto de partida, não quanto às soluções alcançadas. Arthur Miller vale-se da memória, da reminiscência involuntária, como de um trampolim encarregado de trazer de volta à cena fragmentos do passado, banhados de subjetivismo. "A Moratória", ao contrário, constrói-se objetivamente sobre dois planos — o passado e o presente — um pouco como esses romances de Aldous Huxley que apresentam os acontecimentos fora de sua verdadeira ordem cronológica. Somente os espectadores têm acesso simultâneo, ou quase simultâneo, aos dois planos, expediente que permite ao autor indicar os seus comentários, aproximando fatos separados no tempo, sublinhando os pontos sobre os quais deseja chamar a atenção. Os temas — tanto os mais ou menos impessoais, a chuva, o café, as orações, a costura, quanto as reações psicológicas de cada personagem — como que se chamam e se respondem de plano para plano, atraindo-se ou repelindo-se, dando o ritmo interno, dramático e não simplesmente expositivo, que preside ao desenvolvimento e organização da obra. Às vezes, uma situação prepara, explica ou reforça outra semelhante, que aparecerá em plano diverso: é assim que a expulsão de Olímpio segue-se à de Marcelo, episódios ambos reveladores do gênio arrebatado de Quim. Outras vezes dá-se o contrário: o confronto entre passado e presente, pela força de contraste, age como recurso de ironia dramática. Nós, espectadores, suspensos ma-

gicamente no tempo, tendo a visão global dos acontecimentos, confrangemo-nos com esperanças e otimismo que sabemos destinados ao malogro ou sorrimos melancolicamente perante certas afirmações cuja gravidade os próprios protagonistas, no momento, estão longe de poder avaliar.

Veja-se a despedida da fazenda. Jorge Andrade só tardiamente a coloca ante nossos olhos, quando já tivemos tempo de perceber em profundidade o que aquelas terras herdadas do pai e do avô significam, do ponto-de-vista humano, para Quim. Preparados como estamos, Jorge Andrade pode dar-se ao luxo de não manifestar a presença concreta da fazenda, a relação íntima e amorosa estabelecida entre o homem e as coisas, senão por intermédio de minúsculos incidentes que perpassam pela conversa dos dois velhos, o balaústre que se está estragando, os vidros da bandeira da porta que é preciso trocar, as formigas que tornaram a sair, pequenos sinais que nos falam sutilmente da ameaça de morte que paira sobre aquela casa em vias de ser abandonada. Não há lances eloqüentes, despedidas melodramáticas. Não é necessário. O impacto nos vem, em grande parte, da revelação que o autor deixara cair pouco antes, no final do segundo ato: também o processo de recuperação judicial da fazenda seria perdido. Essa contrafeita e tímida despedida, em suma, é a definitiva. Quim pode ainda agarrar-se à ilusão da volta; nós, como espectadores, não temos nem sequer o benefício da dúvida. Sabendo mais que as personagens, dir-se-ia que sofremos em certos instantes mais do que elas (Thornton Wilder,

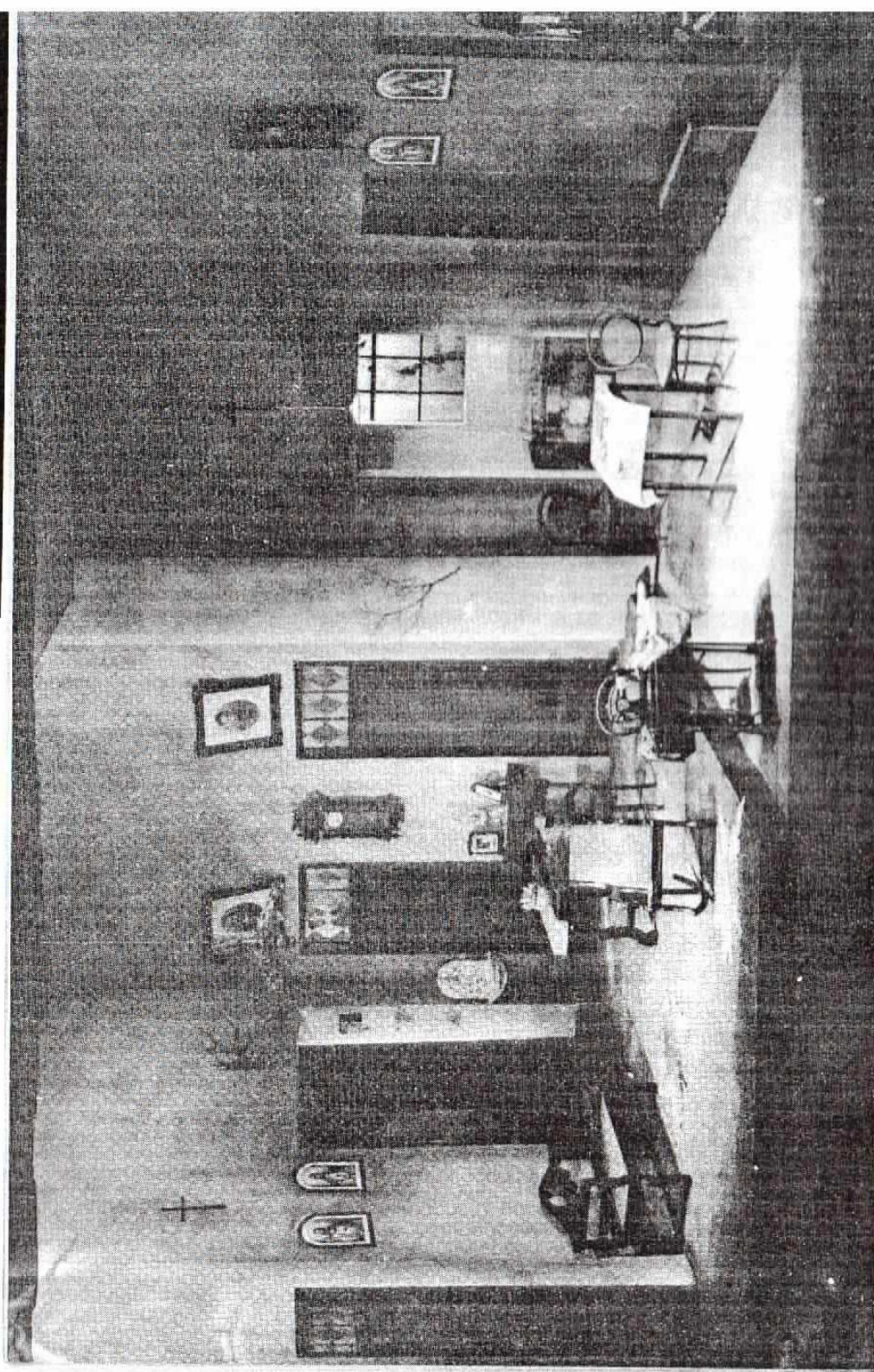
em "Nossa Cidade", vale-se abundantemente dessa mesma espécie de emoção).

Toda "A Moratória" é construída assim: cada plano descreve a sua curva própria, indo da esperança ao desespero ou vice-versa — até que sobrevenha a derrocada final. Mas o gráfico, a fisionomia última da peça, é constituída pela habilíssima superposição das duas curvas. A história contada em seqüência cronológica não seria a mesma história.

Abandonemos, porém, os recursos técnicos, que são meios, e voltemos aos homens, que são fins. E já que comecei por uma revelação de caráter pessoal que me seja concedido terminar por outra. Há pouco mais de um ano estive nos Estados Unidos, convidado pelo governo norte-americano. Viajando de cidade a cidade, sempre em contato com gente de teatro, já me habituara a certo tipo de perguntas: qual a população de São Paulo? costumávamos apresentar no Brasil autores norte-americanos?, etc. Mas num desses simpáticos encontros, numa cidade que não é das maiores, surgiram questões que eu jamais poderia prever: que queriam dizer essas três misteriosas iniciais — P.R.P.? E como é que se pronunciava exatamente essa palavra, terrivelmente abstrusa, jabuticaba? Eram alunos de uma escola de teatro universitária que iriam representar "A Moratória", em inglês, dentro de alguns dias. Fui naturalmente convidado para assistir a um ensaio. E lá, diante do palco ainda sem cenários, contemplando aqueles rostos juvenis caracteristicamente norte-americanos, comecei a ouvir falar de coisas que subitamente me transportaram para muito longe, tanto no es-

paço quanto no tempo: coisas como moratória, colheita de café, ponto de goiabada, que unicamente nós, brasileiros, julgaríamos entender. Mas, não; a emoção dos atores aos poucos foi ganhando a sala, estendendo-se aos raros circunstantes e em breve pertencíamos todos a uma só família. Era o milagre, sempre renovado, da transfiguração pela arte. Aquele mundo restrito que eu conhecera menino havia se transformado em símbolo universal e falava com igual persuasão numa língua estrangeira. "A Moratória", que eu julgava possuir quase como uma lembrança de família, fugira de mim e se instalara num território estranho e cheio de prodígios — aquele em que comungamos, por exemplo, com um pequeno grupo de aristocratas russos que tentam em vão preservar contra o machado destruidor o seu querido e já irremediavelmente condenado jardim de cerejeiras.

DÉCIO DE ALMEIDA PRADO



“A Moratória” foi apresentada, pela primeira vez, no dia 6 de maio de 1955, no Teatro Maria Della Costa de S. Paulo, tendo os papéis a seguinte distribuição:

JOAQUIM	ELÍSIO DE ALBUQUERQUE
HELENA	MONÁ DELACY
LUCÍLIA	FERNANDA MONTENEGRO
MARCELO	MÍLTON MORAIS
OLÍMPIO	SÉRGIO BRITO
ELVIRA	WANDA KOSMOS

Direção e cenografia de Gianni Ratto; Assistente de direção, Fernando Torres; e costumes de Luciana Petrucelli.

PERSONAGENS

- JOAQUIM
 - HELENA
 - LUCÍLIA
 - MARCELO
 - OLÍMPIO
 - ELVIRA

PRIMEIRO ATO

CENARIO — Dois planos dividem o palco mais ou menos em diagonal.

Primeiro plano ou plano da direita: Sala modestamente mobiliada. Na parede lateral direita, duas portas: a do fundo, quarto de Marcelo; a do primeiro plano, cozinha. Ao fundo da sala, corredor que liga às outras dependências da casa. À esquerda, mesa comprida de refeições e de costura; junto a ela, em primeiro plano, máquina de costura. Encostado à parede lateral direita, entre as duas portas, banco comprido, sem pintura. Na mesma parede, bem em cima do banco, dois quadros: Coração de Jesus e Coração de Maria. Acima dos quadros, relógio grande de parede. No corte da parede imaginária que divide os dois planos, preso à parede como se fosse um enfeite, um galho seco de jabuticabeira.

Segundo plano ou plano da esquerda: Elevado mais ou menos uns trinta ou quarenta centímetros acima do piso do palco. Sala espaçosa de uma antiga e tradicional fazenda de café. À esquerda-baixa, porta do quarto de Joaquim; à esquerda-alta, porta em

arco que liga a sala com a entrada principal da casa e as outras dependências. Na parede do fundo, à direita, porta do quarto de Marcelo; à esquerda, porta do quarto de Lucília. Bem no centro da parede do fundo, o mesmo relógio do *primeiro plano*. Na parede, entre a porta do quarto de Joaquim e a porta em arco, os mesmos quadros do *primeiro plano*.

Observação: As salas são iluminadas, normalmente, como se fossem uma única, não podendo haver jogo de luz, além daquele previsto no texto. A diminuição da luz no *plano da direita* ou *primeiro plano*, na cena final da peça, embora determinada pelo texto, não precisa ser rigorosamente seguida.

AÇÃO — No *segundo plano* ou *plano da esquerda*, a ação se passa em uma fazenda de café em 1929; no *primeiro plano* ou *plano da direita*, mais ou menos três anos depois, numa pequena cidade nas proximidades da mesma fazenda.

CENA — Ao abrir-se o pano, somente o *primeiro plano* está iluminado. Lucília acaba de cortar um vestido, senta-se à máquina e começa a costurar; suas pernas movimentam-se com incrível rapidez. Joaquim, ligeiramente curvado, aparece à porta da cozinha com uma cafeteira na mão.

PRIMEIRO PLANO

JOAQUIM: Lucília! *(Sai)*

(Pausa. Lucília continua costurando. Joaquim aparece novamente)

JOAQUIM: Lucília!

LUCÍLIA: *(Sem parar de costurar)* Senhor.

JOAQUIM: Venha tomar o café.

LUCÍLIA: Agora não posso.

JOAQUIM: O café esfria.

LUCÍLIA: Meu serviço está atrasado.

JOAQUIM: Ora, minha filha, cada coisa em sua hora.

LUCÍLIA: Para quem tem muito tempo.

JOAQUIM: Não é preciso se matar assim. Tudo tem um limite.

LUCÍLIA: Sou obrigada a trabalhar como uma... *(Contém-se)*

JOAQUIM: Você já amanhece irritada!

LUCÍLIA: Desculpe, papai.

JOAQUIM: Venha.

LUCÍLIA: *(Acalmando-se)* O senhor pode trazer para mim?

(Joaquim entra na cozinha e logo aparece com uma xicara de leite)

JOAQUIM: Olhe aqui, beba.

LUCÍLIA: Não suporto este leite.

JOAQUIM: Não comece, Lucília.

LUCÍLIA: *(Pausa)* Foi ao médico?

JOAQUIM: Fui. Só para fazer a sua vontade.

LUCÍLIA: Que disse ele?

JOAQUIM: Nada. Que poderia dizer?

LUCÍLIA: O senhor anda se queixando do braço.

JOAQUIM: Deve ser de rachar lenha.

LUCÍLIA: Não deu nenhum remédio?

JOAQUIM: Tenho saúde de ferro. Pensa que sou igual a esses mocinhos de hoje?

LUCÍLIA: Estou perguntando, papai, se não receitou algum remédio.

JOAQUIM: Se tivesse receitado, eu teria dito.

LUCÍLIA: O senhor acha que comprar remédio é jogar dinheiro fora.

JOAQUIM: E é mesmo.

LUCÍLIA: Tenho dinheiro. Se o senhor precisar, é só falar.

JOAQUIM: (*Impaciente*) Já disse que não receitou.

LUCÍLIA: Melhor, então.

JOAQUIM: O médico disse que ainda tenho cem anos de vida.

LUCÍLIA: Não gosto de gente exagerada.

JOAQUIM: Está muito certo. Nunca senti nada.

LUCÍLIA: (*Voltando à costura*) Hoje, tudo está atrasado.

JOAQUIM: Não se afobe, minha filha.

LUCÍLIA: E que faço do meu serviço?

JOAQUIM: Que importância tem? Você não é obrigada a costurar. Até prefiro que...

LUCÍLIA: (*Corta*) Ora, papai! (*Pausa. Lucília olha para Joaquim e disfarça*) Tia Elvira vem experimentar o vestido e ainda tenho que acabar o da Mafalda.

JOAQUIM: Por que é que sua tia precisa de tantos vestidos?

LUCÍLIA: Ela vai a uma festa amanhã.

JOAQUIM: (*Joaquim sai levando a xícara*)

É um despropósito fazer um vestido para cada festa.

LUCÍLIA: Assim gasta um pouco do dinheiro que tem.

JOAQUIM: (*Voz*) Não é a festa do Coronel Bernardino?

LUCÍLIA: É.

JOAQUIM: (*Voz*) Você não vai?

LUCÍLIA: Não.

JOAQUIM: (*Voz*) Por que não? Recebemos convite.

LUCÍLIA: Não quero.

JOAQUIM: (*Pausa. Reaparecendo*) Não sei por que, depois que viemos para a cidade, você se afastou de tudo e de todos.

LUCÍLIA: Convidaram por amabilidade, apenas.

JOAQUIM: Convidaram porque você é minha filha. É uma obrigação.

LUCÍLIA: Conheço essa gente.

JOAQUIM: Você precisa se divertir também.

LUCÍLIA: Preciso, mas não posso.

JOAQUIM: (*Violento*) Pode! Pode!

LUCÍLIA: Não se exalte, papai.

JOAQUIM: Eu digo que pode!

LUCÍLIA: Está certo, sou eu que não quero.

JOAQUIM: *(Pausa)* Sei o que você sente. Eu também me sinto assim.

LUCÍLIA: É apenas por causa do meu trabalho, nada mais.

JOAQUIM: Há de chegar o dia em que vai poder ir a todas as festas novamente. E de cabeça erguida.

LUCÍLIA: Ainda estou de cabeça erguida. Posso perfeitamente recusar um convite. *(Pausa. Os dois se entreolham ligeiramente)* Não vou porque fico cansada.

JOAQUIM: Eu sei. Eu sinto o que é. *(Pausa)* De cabeça erguida! Prometo isso a você.

LUCÍLIA: Não faço questão nenhuma.

JOAQUIM: Eu faço.

LUCÍLIA: Está bem. Não se toca mais neste assunto.

(Pausa)

JOAQUIM: Com a nulidade do processo, vou recuperar a fazenda. Darei a você tudo que desejar.

LUCÍLIA: Não vamos falar nisto.

JOAQUIM: Por que não? Eu quero falar.

LUCÍLIA: É bom esperar primeiro a decisão do Tribunal.

JOAQUIM: *(Impaciente)* O mal de vocês é não ter esperança. Essa é que é a verdade.

LUCÍLIA: E o mal do senhor é ter demais.

JOAQUIM: Esperança nunca é demais.

LUCÍLIA: Não gosto de me iludir. E depois, se recuperarmos a fazenda, vamos ter que trabalhar muito para pagá-la.

JOAQUIM: Pois, trabalha-se.

LUCÍLIA: Só depois disto, poderemos pensar em recompensa... e outras coisas. Até lá preciso costurar e com calma.

JOAQUIM: É exatamente o que não suporto.

LUCÍLIA: O quê?

JOAQUIM: Ver você costurando para esta gente. Gente que não merecia nem limpar nossos sapatos!

LUCÍLIA: Não reparo neles. Não sei quem são, nem me interessa. Trabalho, apenas. *(Por um momento fica retesada)* Por enquanto não há outro caminho.

JOAQUIM: Gentinha! Só têm dinheiro...

LUCÍLIA: *(Seca)* É o que não temos mais.

JOAQUIM: *(Pausa)* Quando meus antepassados vieram para aqui, ainda não existia nada. Nem gente desta espécie. *(Pausa)* Era um sertão virgem! *(Sorri)* A única maneira de se ganhar dinheiro era fazer queijos. Imagine, Lucília, enchiam de queijos um carro-de-bois e iam vender na cidade mais próxima, a quase duzentos quilômetros! Na volta traziam sal, roupas, ferramentas, tudo que era preciso na fazenda. Foram eles que, mais tarde, cederam as terras para se fundar esta cidade. *(Pausa)* Quando eu penso que agora...

LUCÍLIA: *(Corta, áspera)* Papai! Já pedi ao senhor para não falar mais nisto. O que não tem remédio, remediado está.

(Pausa. Joaquim fica sem saber o que fazer. Atrapalha-se quando tenta arrumar os figurinos que estão em cima da mesa)

LUCÍLIA: *(Impaciente)* Papai! Não misture meus figurinos.

JOAQUIM: Queria arrumar.

LUCÍLIA: Não é preciso.

JOAQUIM: *(Pausa)* Onde está sua mãe?

LUCÍLIA: O senhor sabe que ela foi à igreja!

(Na palavra "Igreja" o Segundo Plano se ilumina)

JOAQUIM: É verdade.

(Pausa. Joaquim olha para os quadros, no Primeiro Plano. Helena aparece no Segundo Plano; encaminha-se para os quadros, ajoelha-se e começa a rezar)

JOAQUIM: Era diante desses quadros que sua mãe costumava rezar lá na fazenda. *(Pausa)* Foram sua igreja durante trinta e cinco anos! *(Lucília olha para Joaquim e sorri com carinho. Depois de um instante, como se procurasse alguma coisa para dizer ao pai...)*

LUCÍLIA: Veio o café?

JOAQUIM: Não.

LUCÍLIA: Tia Elvira prometeu mandar hoje.

JOAQUIM: Prometeu, mas não mandou.

LUCÍLIA: O senhor olhou direito na jardineira?

JOAQUIM: Naturalmente que olhei. Só veio o latãozinho de leite.

LUCÍLIA: Com certeza a tia Elvira começa a achar que nos ajuda demais. Um latãozinho de leite por dia!

JOAQUIM: *(Abaixa ligeiramente a cabeça)*
Deve ter esquecido.

LUCÍLIA: Ela não se cansa de falar na ajuda que nos dá e nas dificuldades que todo mundo está atravessando.

JOAQUIM: *(Incomodado)* Sua mãe não devia ficar tanto tempo na igreja!

LUCÍLIA: Ou achou melhor trazer pessoalmente, para não esquecermos que devemos favores a eles. Aposto como vai contar a luta que teve para conseguir um pouco de café!

JOAQUIM: *(Olha para Lucília durante um instante, contrai o rosto e abaixa a cabeça)*

LUCÍLIA: A verdade é que ela deve ter a consciência bem pesada.

JOAQUIM: Por quê?

LUCÍLIA: O senhor não se lembra mais?

JOAQUIM: *(Levanta-se)* Não preciso deles para recuperar o que é meu.

LUCÍLIA: Um dia hei de dizer tudo isto a ela.

JOAQUIM: *(Saindo para a cozinha)* As cozinhas andam más. *(Só a voz de Joaquim)* Não há mais café como antigamente.

LUCÍLIA: Não se esqueça de que a fazenda deles tem setecentos mil pés de café.

JOAQUIM: *(Voz)* Que adianta? Não chove!

LUCÍLIA: Enfim, é sempre a mesma coisa: chuva, chuva! *(Toca a máquina)* Quando morávamos na fazenda, a ladainha era a mesma. *(Pausa)* O que sei é que preciso trabalhar se quisermos viver, pelo menos decentemente. *(Joaquim aparece na porta em arco no Segundo Plano; está de perneiras e traz um chicote na mão)*

SEGUNDO PLANO

JOAQUIM: Se continuar assim, não sei onde vamos parar!

(Helena levanta-se e volta-se para Joaquim)

HELENA: O que foi que você disse?

JOAQUIM: Não chove, não pode haver café.

HELENA: Hoje tudo está ficando diferente! Não compreendo mais nada. De primeiro, tempo de chuva era tempo de chuva.

JOAQUIM: Não há mais café como antigamente.

HELENA: Este ano você estava tão animado, Quim.

JOAQUIM: A safra parecia ser igual à do ano passado. O café estava bem abotoado.

HELENA: Ainda temos uma florada.

JOAQUIM: Basta olhar o cafezal para desanimar.

HELENA: (*Aflita*) Meu Deus! (*Vacila*)

JOAQUIM: O que foi? Está sentindo alguma coisa, Helena?

HELENA: (*Disfarça*) Não estou sentindo nada.

JOAQUIM: E para completar: estes preços!

HELENA: (*Aflita*) Caíram mais?

JOAQUIM: Espero que não.

HELENA: (*Pausa*) Quim!

JOAQUIM: Que é?

HELENA: Você...

JOAQUIM: O que há?

HELENA: Falou com a Elvira?

JOAQUIM: (*Contraí-se*) Não.

HELENA: Quer que eu fale?

JOAQUIM: Não temos nada a falar com ela.

HELENA: Mas, Quim, nós não podemos continuar assim!

JOAQUIM: Eu sei o que faço.

HELENA: É apenas um empréstimo.

JOAQUIM: Não chegamos ainda ao ponto de esmolar.

HELENA: É um negócio como outro qualquer.

JOAQUIM: Conheço bem aquele... (*Pára, enraivecido*) Não moveria uma palha para salvar a minha fazenda.

HELENA: Salvar?!

JOAQUIM: Se fosse este o caso. Eles nunca nos perdoaram por termos ficado com esta fazenda.

HELENA: Ora, Quim, já esqueceram. Você é que não sabe perdoar.

JOAQUIM: Só me faltava esta, agora.

HELENA: O que foi?

JOAQUIM: Você se juntar com minha irmã e meu cunhado para falar de mim.

HELENA: Mas quem é que está falando de você? Quero apenas que resolva esta situação.

JOAQUIM: Tenho dinheiro a receber com o Arlindo.

HELENA: Ele não decide nunca!

JOAQUIM: Darei um jeito com o Banco.

HELENA: Não gosto de Banco.

JOAQUIM: Eu também não, mas, que vamos fazer!

HELENA: Já devemos ao Banco.

JOAQUIM: Minha fazenda é uma garantia.

HELENA: Quem sabe se a Elvira...

JOAQUIM: Helena! Eu ainda sei defender os meus negócios. Chega!

HELENA: Quero ajudar. Não suporto mais esta incerteza. Afinal, você entregou o café ao Arlindo e até hoje nada!

JOAQUIM: Entre dois homens de bem, a palavra empenhada basta.

HELENA: Vender café a prazo nesta situação é perigoso, Quim!

JOAQUIM: Não há perigo nenhum. As coisas não são feitas assim como você pensa. O que podem me fazer? Tenho os meus direitos. Quando receber o dinheiro do Arlindo, pago os débitos e pronto.

HELENA: Deus queira. *(Encaminha-se para o seu quarto e sai)*

JOAQUIM: *(Indo à cozinha)* Sei o que faço. Cuide de seus afazeres que eu cuido dos meus.

(Pára e olha para a porta do quarto de Marcelo; dirige-se para lá) Marcelo! *(Bate na porta)* Marcelo! Levante-se. Isto não é hora para um homem estar na cama. O sol já está quase dobrando no céu. Levante-se! Vamos ter uma conversa séria hoje.

(Joaquim dirige-se para a cozinha e sai. Acentua-se o barulho da máquina de Lucília. Helena aparece, no Primeiro Plano, com um véu e um livro de missa na mão; coloca-os em cima da mesa)

PRIMEIRO PLANO

HELENA: O Marcelo ainda não se levantou?

LUCÍLIA: Não, senhora.

HELENA: Marcelo! *(Bate na porta)* Marcelo! Levante-se, meu filho. Você não vai ao frigorífico? *(Ouve qualquer coisa)* Então venha tomar o seu café.

LUCÍLIA: Vamos ver se pelo menos neste emprego ele pára mais.

HELENA: É preciso um pouco de paciência, minha filha.

LUCÍLIA: Vocês têm demais.

HELENA: Ele tomou juízo.

LUCÍLIA: Já era tempo.

HELENA: *(Desviando a conversa)* A igreja estava repleta.

LUCÍLIA: Mamãe! A senhora não devia ficar até esta hora sem comer nada.

HELENA: Fui comungar.

LUCÍLIA: A senhora comungou domingo.

HELENA: *(Pausa)* Nem quando eu morava lá na fazenda, deixava de comungar na primeira sexta-feira do mês. Por que vou deixar agora?

JOAQUIM: Helena! *(Joaquim aparece à porta da cozinha do Primeiro Plano)* Coei o café para você. Venha tomar.

(Helena dirige-se para a cozinha; ao passar perto de Joaquim, este lhe faz uma carícia; Helena sorri)

LUCÍLIA: Mamãe! O café não veio.

HELENA: Não veio?

JOAQUIM: Não.

HELENA: Se a Elvira prometeu é porque dará um jeito de mandar. *(Sai)*

LUCÍLIA: Se não vier, mando comprar e pronto.

JOAQUIM: A gente pode precisar do dinheiro para outra coisa.

LUCÍLIA: Trabalho é para comprar o que for necessário.

JOAQUIM: Mas nós temos.

LUCÍLIA: O quê?

JOAQUIM: Café!

LUCÍLIA: Tia Elvira gosta de se fazer esperar. Por mim, não aceitaria nada que viesse daquela gente!

JOAQUIM: *(Pausa)* É que o café que a gente compra por aí... é tão ruim!

(Lucília olha para o pai e continua seu trabalho. Joaquim vai ao banco, senta-se e começa, pacientemente, a desfiar pequenos pedaços de pano. Helena aparece no Segundo Plano, à porta de seu quarto; arruma-se, olha para a cozinha e vai até a porta do quarto de Marcelo)

SEGUNDO PLANO

HELENA: Marcelo!

MARCELO: *(Voz)* Senhora.

HELENA: Levante-se, meu filho. Seu pai já chamou.

MARCELO: (Voz) Já estou de pé.

HELENA: É preciso que você vá à cidade.

MARCELO: (Aparece acabando de se vestir)
O que aconteceu hoje nesta casa?

HELENA: Nada. Por quê?

MARCELO: Todo mundo quer que eu me levante, conversar comigo. O que foi?

HELENA: Já é hora, meu filho.

MARCELO: Não se pode nem dormir sossegado.

HELENA: Seu pai já percorreu toda a fazenda.

MARCELO: Pudera! Ele levanta com as galinhas!

JOAQUIM: (Primeiro plano) Lucília!

HELENA: (Segundo plano) Isto não é hora para dormir.

LUCÍLIA: (Primeiro plano) Senhor.

MARCELO: (Segundo plano) Por que esta aflição?

JOAQUIM: (Primeiro plano) O Olímpio não disse nada na carta?

LUCÍLIA: (Primeiro plano) Não.

HELENA: (Segundo plano) Preciso conversar com sua tia Elvira, vá chamá-la.

JOAQUIM: (Primeiro plano) Nem quando pretendia voltar?

MARCELO: (Segundo plano) Há duas coisas que não nego nunca a você: levantar e ir à cidade.

LUCÍLIA: (Primeiro plano) (Ligeira vacilação) Não... não, senhor.

HELENA: (Segundo plano) Depressa. Nada de brincadeira.

JOAQUIM: (Primeiro plano) Ele trata dos meus negócios e não tem nada a me dizer?

MARCELO: (Segundo plano) Mande o Benedito arrear o cavalo para mim.

LUCÍLIA: (Primeiro plano) O que ele tinha a dizer era para mim.

HELENA: (Segundo plano) Arreie você mesmo.

MARCELO: (Segundo plano) Mas, afinal, para que temos empregados?

HELENA: (Segundo plano) Ora, meu filho, não seja preguiçoso! (Encaminham-se para a cozinha) Diga à sua tia que preciso muito falar com ela. (Saem)

PRIMEIRO PLANO

JOAQUIM: Acho esquisito que, justamente na semana em que se vai resolver o processo, meu advogado não tenha nada a me comunicar.

LUCÍLIA: Pois não tinha. Ele, às vezes, costuma também ter o que me dizer que não seja "ação de nulidade".

JOAQUIM: *(Pausa)* Você ainda não resolveu, minha filha?

LUCÍLIA: O quê?

JOAQUIM: Marcar o casamento.

LUCÍLIA: Não.

JOAQUIM: Por que não?

LUCÍLIA: Prefiro não conversar a este respeito.

JOAQUIM: *(Impaciente)* Pois eu digo que é preciso.

LUCÍLIA: Isto diz respeito só a mim.

JOAQUIM: A mim também. É a felicidade de minha filha.

LUCÍLIA: *(Subitamente)* Papai! Estou cansada de dizer que não quero casar mais. Sei da minha vida.

JOAQUIM: Mas, por quê?

LUCÍLIA: Porque não quero. Somente isto.

JOAQUIM: Sei porque não quer. A culpa é minha.

LUCÍLIA: Não diga isto.

JOAQUIM: Digo! Digo!

LUCÍLIA: Tenho o direito de resolver o que é melhor para mim. O que se passou, lá na fazenda, nada tem que ver com isto. Apenas não quero casar e deixar vocês.

(Helena aparece à porta da cozinha no Primeiro Plano)

JOAQUIM: Não sou um imprestável!

LUCÍLIA: Não estou dizendo isto.

JOAQUIM: Ainda sei me defender.

LUCÍLIA: Quando achar que posso, eu me casarei.

HELENA: Viva a sua vida, minha filha.

LUCÍLIA: Minha vida é aqui, junto de vocês.

JOAQUIM: Não quero que você se sacrifique.

LUCÍLIA: Não considero isso sacrifício nenhum. Por favor, vamos mudar de assunto.

JOAQUIM: (*Impaciente*) Não admito que você estrague o seu futuro.

HELENA: O Marcelo já está colocado; agora tudo vai bem.

LUCÍLIA: Não se pode estragar o que já está estragado.

HELENA: Minha filha!

LUCÍLIA: É isso mesmo.

JOAQUIM: (*Violento*) Isto é uma censura a mim?

HELENA: Quim!

LUCÍLIA: Não. Quero que me deixem viver a meu modo.

HELENA: O Olímpio não pode esperar a vida inteira.

LUCÍLIA: Nunca pedi a ele que me esperasse. Não vou casar com um moço só porque cuida dos negócios de meu pai.

JOAQUIM: Você gostava dele.

LUCÍLIA: Não gosto mais.

JOAQUIM: É um bom moço. Você seria feliz.

LUCÍLIA: (*Subitamente áspera*) O senhor não pensava assim há três anos atrás. Lembra-se?

HELENA: (*Em tom de censura; magoada*)
Lucília!

JOAQUIM: (*Levanta-se*) Não disse! Você ainda não me perdoou!

LUCÍLIA: Nada tenho a perdoar. A situação é nossa e não de vocês. É a minha família.

HELENA: Basta. Basta, minha filha.

LUCÍLIA: Tenho também obrigações e quero cumpri-las.

JOAQUIM: Isso não impede que viva a sua vida.

LUCÍLIA: A minha vida é esta. São duas coisas que não se misturam. Sou responsável também pela carga.

HELENA: Está certo. Quim, por favor...

JOAQUIM: Carga?

LUCÍLIA: Minhas obrigações.

JOAQUIM: (*Violento*) Então eu e sua mãe somos carga?

LUCÍLIA: Não foi isso que quis dizer. Não faça as coisas mais difíceis, papai.

JOAQUIM: (*Abaixa a cabeça*) A verdade é que você tem razão.

LUCÍLIA: (*Vai até o pai e o abraça*) Não poderia viver longe de vocês, assim como estamos. Nem posso pedir a um moço que arque com todas as responsabilidades. É a situação que é difícil. Sou feliz vivendo junto de vocês. Procure compreender, papai.

JOAQUIM: Eu compreendo. Eu me exaltei sem razão.

LUCÍLIA: (*Volta à máquina*) Bom. Não se fala mais nisto.

HELENA: É o que peço sempre.

JOAQUIM: (*Quase num eco*) Nós vamos voltar para lá, minha filha. Prometo isso a você. Só peço que tenham fé.

LUCÍLIA: Está certo, papai. Nós temos.

HELENA: Agora, com o Marcelo colocado, você não precisará trabalhar tanto. É isto que deixa você nervosa.

(*Marcelo aparece à porta de seu quarto, no Primeiro Plano. Está só com a calça do pijama*)

LUCÍLIA: Se formos esperar por ele, não sei onde iremos parar.

MARCELO: Que aconteceu nesta casa? Não se pode nem dormir sossegado.

JOAQUIM: Preguiçoso! Isto é hora para um homem estar na cama?

MARCELO: E que vou ficar fazendo fora da cama?

JOAQUIM: Trabalhar.

MARCELO: Já é meio-dia?

HELENA: Vá se arrumar, meu filho. Já pedi a você que não saia sem roupa de seu quarto. Isto é feio!

MARCELO: Então? Só entro no serviço ao meio-dia.

JOAQUIM: Faça outra coisa qualquer.

MARCELO: Não tenho vontade.

JOAQUIM: Não sei como tem gente que consegue dormir, depois que o sol nasce.

HELENA: (*Querendo evitar uma discussão, empurra Marcelo para a porta da cozinha*) Se não andar depressa, você perde a jardineira. (*Marcelo entra na cozinha*)

JOAQUIM: Só sabe beber e apodrecer nesta cama.

HELENA: Não diga isto, Quim. Ele é moço, é assim mesmo.

JOAQUIM: Não sei de quem herdou isto! Nunca pus uma gota de álcool na boca.

HELENA: Agora ele está trabalhando.

JOAQUIM: Então porque está trabalhando pode fazer o que quiser? Beber, jogar e andar em más companhias?

HELENA: Vai indo, ele toma juízo.

JOAQUIM: Trabalhando num frigorífico! Lá isto é lugar para um homem decente trabalhar?

HELENA: Dou graças a Deus, assim mesmo.

JOAQUIM: (*Levanta-se*) Se tivesse estudado, não precisava ser empregado dos outros.

HELENA: Mas não estudou, o que vamos fazer!

JOAQUIM: O Marcelo está muito enganado se pensa que vai voltar comigo para a fazenda. Se quiser minha ajuda, que vá estudar.

(*Joaquim dirige-se para o corredor*)

LUCÍLIA: (*Olhando o pai sair*) Papai.

JOAQUIM: (*Pára*) Que é?

LUCÍLIA: (*Abre a gaveta da máquina*) Olha o dinheiro.

JOAQUIM: Para quê?

LUCÍLIA: O dinheiro para os jornais.

JOAQUIM: Hoje não vou comprar jornais.

LUCÍLIA: Ora, papai. Deixe de ser criança. Ficou aborrecido comigo?

JOAQUIM: Não. Quem tem que me mandar notícias é o Olímpio.

LUCÍLIA: Não importa. O senhor gosta de ler os jornais. Tome o dinheiro.

JOAQUIM: (*Vindo pegar. Irritado*) Com este Governo quem é que pode ter prazer em ler jornais! Só publicam o que eles querem!

HELENA: Ande, Marcelo.

LUCÍLIA: Papai! Esqueça o que eu disse.

JOAQUIM: Falo é para o seu bem, minha filha.

LUCÍLIA: Eu compreendo. Não se preocupe que resolverei meus problemas.

JOAQUIM: (*Saindo*) Eu sei. (*Pára e volta-se para Lucília*) É que esperamos há três anos! A gente no fim... (*Volta-se e sai*)

HELENA: Marcelo!

MARCELO: (*Voz*) Já vai, dona Helena, já vai! Tem muito tempo.

HELENA: Para que se levantar na horinha de sair?

MARCELO: *(Entra alegre)* Porque o sono não deixa.

HELENA: Quero pedir uma coisa, meu filho.

MARCELO: Tudo que quiser. Não há nada que eu não faça por você.

HELENA: Falar você sabe.

MARCELO: Então? Que há?

HELENA: Não beba, meu filho; nem jogue. Peço a você.

MARCELO: Mas quem foi que disse que eu bebo?

HELENA: Você chega tarde todos os dias. O que é que fica fazendo na rua até de madrugada?

MARCELO: Nada. Conversando.

HELENA: Mas conversando o quê?

MARCELO: Nada. Simplesmente conversando, dona Helena. De noite o ar é fresco, gostoso, me faz pensar! A senhora quer que eu venha me trancar neste quarto? Não tem pena de seu filho?

HELENA: A noite foi feita para dormir, meu filho.

MARCELO: E para outras coisas também.

HELENA: Não fica bebendo?

MARCELO: Não. Só bebericando.

HELENA: Prometa que nem isto você fará.

MARCELO: Prometo!

HELENA: Agora, vá se vestir. Está satisfeito com o emprego?

MARCELO: Muuuuito!

HELENA: Então, tome cuidado.

MARCELO: Trabalhando no meio daqueles ingleses, logo estarei "espikando". Então a senhora vai ver! Subirei como um rojão! É muito importante saber falar inglês, dona Helena.

HELENA: É? Por quê?

MARCELO: Para trabalhar.

HELENA: Não compreendo.

MARCELO: Para viajar. Quando eu for viajar, você vai comigo. Vamos nos divertir à grande. *(Marcelo levanta o véu da mesa, olha e sorri para a mãe)* Diga, dona Helena: não sei escolher um presente?

HELENA: *(Recordativa)* Sabe. Lembra-se da sua promessa quando me deu este véu?

MARCELO: Como não! E não estou cumprindo? Até que trabalhar no frigorífico não é tão ruim assim. Matamos mil e quinhentos bois por dia, dona Helena! Mil e quinhentos! (*Dirige-se para o quarto*)

HELENA: Muito cuidado, Marcelo.

MARCELO: Tenha confiança no seu filho. (*Pára na porta e volta-se para Helena*). Ele vencerá! (*Entra no quarto num rompante*)

HELENA: (*Ri*) Prosa.

LUCÍLIA: Quero só ver até quando vai durar esse entusiasmo.

HELENA: Agora ele está satisfeito com o trabalho.

LUCÍLIA: Das outras vezes também ele dizia o mesmo.

HELENA: Os primeiros empregos foram muito ruins, minha filha.

LUCÍLIA: Quando a gente precisa, qualquer emprego serve. Não eram piores do que esta máquina.

HELENA: Ele não estava acostumado a trabalhar para os outros.

LUCÍLIA: Nem eu.

HELENA: Eu sei, Lucília.

LUCÍLIA: A questão é que não estamos em condições de escolher.

HELENA: Precisamos ter calma, senão ele desorienta.

LUCÍLIA: O Marcelo sempre fez o que quis de vocês.

HELENA: Ora, minha filha!

LUCÍLIA: É a pura verdade.

HELENA: Para o homem é mais difícil enfrentar determinadas situações. Estão mais em contato com o mundo, têm mais necessidade, do que nós, de certas coisas!

LUCÍLIA: Devia ter um pouco mais de amor próprio.

HELENA: É essa a questão, Lucília. Ele tem, e é isso que desorienta, às vezes. (*Pausa*) Só uma coisa me preocupa.

(*Joaquim aparece no Segundo Plano, vindo da porta em arco*)

JOAQUIM: (*Segundo plano*) Marcelo!

MARCELO: (*Segundo plano*) (*Voz que vem da cozinha*) Que é?

JOAQUIM: (*Segundo plano*) Ah! Já se levantou. Quero conversar com você.

MARCELO: (*Segundo plano*) (*Voz*) Já vai.

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) O que, mamãe? Que é que preocupa a senhora?

HELENA: (*Primeiro plano*) Trabalhar no frigorífico, no meio de tantas máquinas!

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) Não há perigo nenhum.

HELENA: (*Primeiro plano*) Antigamente o trabalho era tão simples! Agora é preciso fazer tudo com máquinas!

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) Assim ele aprende a se defender.

HELENA: (*Primeiro plano*) Depois, minha filha, já imaginou a convivência que ele tem no frigorífico?

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) O Marcelo já tem idade para não se deixar influenciar.

JOAQUIM: (*Segundo plano*) Marcelo!

HELENA: (*Primeiro plano*) Deus queira.

MARCELO: (*Segundo plano*) (Voz) Um minuto, "seu" Quim.

(*Helena pega o livro de missa e o véu e dirige-se para o corredor*)

HELENA: (*Primeiro plano*) A que horas a Mafalda vem experimentar o vestido?

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) (Olha o relógio) Daqui a pouco.

HELENA: (*Primeiro plano*) Precisa de ajuda?

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) Não. O vestido está quase pronto.

(*Helena sai pelo corredor e Marcelo entra pela porta da cozinha no Segundo Plano. Durante esta cena, o barulho da máquina de costura vai aumentando pouco a pouco. Lucília toca a máquina com incrível rapidez*)

SEGUNDO PLANO

MARCELO: (*Entrando*) Senhor.

JOAQUIM: Venha cá.

MARCELO: Tenho pressa.

JOAQUIM: Eu também. Tem pressa por quê? Quem tem pressa não dorme até esta hora.

MARCELO: Vou à cidade.

JOAQUIM: Sente-se. Vamos conversar.

MARCELO: Agora não posso, papai.

JOAQUIM: Pode. Pode. Eu digo que pode.

MARCELO: Não podemos conversar à noite?

JOAQUIM: Não, senhor. Tem que ser agora. Sente-se.

MARCELO: De que se trata?

JOAQUIM: Quero saber até quando pretende continuar nesta vadiagem?

MARCELO: Tenho feito o que é possível.

JOAQUIM: O que é que você julga possível?

MARCELO: (*Sorri*) Ora, muita coisa.

JOAQUIM: Por exemplo...

MARCELO: (*Ligeira hesitação*) Ontem... passei o dia todo assistindo à entrega do arroz nas roças.

JOAQUIM: Sozinho?

MARCELO: Não. Com o administrador, naturalmente.

JOAQUIM: Ainda bem. Bom o arroz?

MARCELO: (*Alegre*) Achei bom.

JOAQUIM: Estou perguntando, meu filho, se o arroz é bom e não o que você acha. Que tipo de arroz é?

MARCELO: Acho que...

JOAQUIM: Quantas sacas foram entregues?

MARCELO: Não contei.

JOAQUIM: Ainda bem que o administrador estava junto. E você vem me dizer que assistiu à entrega do arroz nas roças?

MARCELO: (*Ainda com bom humor*) E não assistiu?!

JOAQUIM: Você espaireceu lá pelas roças, isto sim.

MARCELO: (*Levanta-se*) Está certo. Não sei fazer nada.

JOAQUIM: Sente-se. Não precisa me dizer isto; já sei.

MARCELO: Que posso fazer? Nunca trabalhei.

JOAQUIM: Outra coisa que não precisa me dizer. Podia, ao menos, se interessar mais.

MARCELO: O senhor nunca me ensinou nada sobre a fazenda.

JOAQUIM: Essas coisas não se ensinam: aprende-se observando. Tenho reparado em você. Anda pela fazenda com o pensamento no mundo da lua.

MARCELO: Não sei frear meu pensamento.

JOAQUIM: Pois bem: você esteve praticamente em todos os colégios do Estado, nenhum serviu. Tenho lutado com você para estudar, mas não adianta. Não quer estudar, não é?

MARCELO: Não sei viver preso.

JOAQUIM: Estou perguntando se não quer estudar.

MARCELO: Não dou para os estudos.

JOAQUIM: Então é preciso trabalhar. De hoje em diante não terá um tostão meu se não trabalhar.

MARCELO: Quando devo começar?

JOAQUIM: Quando? Já devia ter começado.

(Helena aparece à porta de seu quarto no Segundo Plano)

MARCELO: Está certo. O que é para eu fazer?

JOAQUIM: De amanhã em diante a fiscalização do café fica por sua conta.

MARCELO: Bom. Mas já aviso: aos sábados e domingos ninguém me pega aqui.

JOAQUIM: Não importa. O homem que trabalha pode fazer o que quiser nas horas de folga. Não precisa dar satisfações de seus atos a ninguém.

MARCELO: Logo pretendo dar lições de como se fiscaliza um cafezal. O senhor vai ver.

JOAQUIM: Espero. O que é que vai fazer na cidade?

HELENA: *(Corta)* Ver umas coisas para mim. Volte logo, Marcelo. Não fique por lá.

JOAQUIM: Ele que se atreva. Traga também a Lucília.

HELENA: Ora! Por quê?

JOAQUIM: Chega de aprender costura.

HELENA: Ela ainda não acabou o curso, Quim!

JOAQUIM: Basta algumas noções. A Lucília não vai ser costureira.

HELENA: Sempre é bom saber fazer as coisas direito.

JOAQUIM: Agora que estamos no assunto, quero dizer, já que não fui consultado na ocasião, que não aprovo este contato de minha filha com costureirinhas. Sabe lá quem frequenta esses cursos. Gente de toda a espécie. Essas noções ela podia ter aprendido aqui, com você.

HELENA: A Lucília precisa também se divertir um pouco.

JOAQUIM: Já deve ter se divertido bastante. Chega. Quero que venha embora.

MARCELO: *(Saindo para o quarto)* Se o Olímpio deixar.

HELENA: *(Gesto aflito de Helena)*

JOAQUIM: Olímpio? Quem é Olímpio?

HELENA: É... Você compreende, Quim...

JOAQUIM: Se não me disser quem é, não posso compreender nada.

HELENA: É um namorado que a Lucília arranhou.

JOAQUIM: *(Violento)* Então minha filha está na cidade, solta com um namorado?

HELENA: Solta? Que expressão, Quim...

JOAQUIM: É isso mesmo. Quem é esse Olímpio?

HELENA: Ele esteve muito tempo fora.

JOAQUIM: Mas quem é ele? O que faz? É filho de quem?

(No Primeiro Plano, Lucília olha o relógio e apressa seu trabalho)

HELENA: Estava estudando advocacia.

JOAQUIM: Quero saber de quem é que é filho. Isso é que é importante.

HELENA: Voltou agora, formado. Já abriu escritório. É o melhor partido da cidade. Todas as mães de filhas...

JOAQUIM: Então só porque é advogado pode casar com minha filha?

HELENA: É um bom rapaz.

JOAQUIM: Pelo que vejo, você entregaria nossa filha ao primeiro que aparecesse com um cartucho qualquer de doutor.

HELENA: Hoje tem muita importância ser formado, Quim.

JOAQUIM: Que importância o quê. Esses dotorzinhos só sabem falar. Aposto que não sabe nem olhar a idade de um cavalo!

HELENA: Ora, Quim!

JOAQUIM: E montar muito menos! Helena! Espero que você não tenha o mau gosto de proteger semelhante namoro. Ainda por cima, um rapaz que nem conheço.

HELENA: Conhece, sim.

JOAQUIM: Conheço? Olímpio? Não sei de ninguém com este nome.

HELENA: É porque não se lembra mais.

JOAQUIM: Então?

HELENA: É o filho do Coronel João José.

JOAQUIM: Como? Você está louca?

HELENA: Não sei por quê!

JOAQUIM: Não sabe? Então, não se lembra o que ele me fez?

HELENA: Quim! O que tem a Lucília que ver com suas lutas políticas?

(No Primeiro Plano, Lucília tem um momento de desânimo; logo se recupera e volta ao trabalho)

JOAQUIM: Muita coisa. Não suporto essa gente.

HELENA: O Olímpio não tem culpa do que aconteceu.

JOAQUIM: *(Com desprezo)* O Olímpio! Você fala "Olímpio" como se já fosse íntimo da minha casa. Não quero saber disto. Ele também deve ser do P.R.P. Basta para mim. Era só o que me faltava: ver minha filha casada com um perrepista!

HELENA: Você não pode sacrificar sua filha por causa de uma política estúpida.

JOAQUIM: Posso. Posso. Sacrificar por quê? Grande coisa romper um namoro!

HELENA: É que ela gosta dele.

JOAQUIM: Isso não tem a menor importância. Não admito e pronto.

HELENA: Mas, Quim...

JOAQUIM: Não se fala mais nisto. *(Levanta-se)*

HELENA: Não diga nada a Lucília. Eu mesma falo.

JOAQUIM: *(Vai bater na porta do quarto de Marcelo)* Já sabia que devia haver alguma coisa errada. É o que dão essas lições de costura. Marcelo! *(Frisa as palavras)* Se eu tivesse sido consultado, nada disto teria acontecido.

HELENA: Não há nada de errado. É um direito que ela tem.

JOAQUIM: *(Violento)* Na minha casa e na minha família, mando eu. Sei perfeitamente o que é direito ou não. Sei, também, o que serve para minha filha. Era só o que faltava! Um dotorzinho qualquer mandar em minha filha! Ele que se atreva a... a...

HELENA: Quim! Não precisa gritar dessa maneira!

(Marcelo aparece muito bem vestido)

JOAQUIM: *(A Marcelo)* Diga à sua irmã para vir hoje sem falta, se não quiser que eu vá buscá-la.

MARCELO: Pois não, "seu" Quim.

JOAQUIM: *(Saindo pela porta em arco)* E não quero ouvir falar mais nisto.

MARCELO: *(Depois de uma pausa)* O que foi?

HELENA: O namoro de sua irmã.

MARCELO: Se soubesse, não teria dito nada.

HELENA: Um dia ele teria que ficar sabendo.

MARCELO: Sorria. Não gosto de ver você triste.

HELENA: Seu pai grita, mas acaba concordando.

MARCELO: Desta vez acho que não. Também a Lucília não podia escolher outro rapaz para namorar? Logo quem: o filho do chefe do P.R.P. no interior. Pudera!

HELENA: Com jeito a gente leva seu pai aonde quer.

MARCELO: *(Sorri)* Devo dar o recado a Lucília?

HELENA: Não. Diga apenas para vir.

MARCELO: *(Abraça Helena)* Desde quando você virou Santo Antônio?

HELENA: *(Olha para Marcelo e sorri)* Já sei: dinheiro, não é?

MARCELO: Infelizmente, é!

HELENA: Quando é que vai tomar juízo, meu filho?

MARCELO: Tenho muito. É que ainda não comecei a gastar.

HELENA: Já é tempo.

MARCELO: Não brigue comigo. Não se esqueça de que é a minha namorada.

HELENA: Prefiro que você tenha outra namorada e trabalhe.

MARCELO: Deixe de ser ridica.

HELENA: Assim você acaba com as minhas economias. Quanto?

MARCELO: O que for possível. Não posso ir à cidade sem dinheiro. O que vão dizer as "meninas"?

HELENA: Mais respeito, Marcelo!

(Marcelo ri. Helena entra em seu quarto. Em baixo, Joaquim aparece corregando um pacote de jornais, senta-se no banco e esparra os jornais à sua volta. Marcelo, em cima, acaba de se arrumar. Helena volta)

HELENA: Tome. É o que tenho. *(Marcelo faz menção de sair)*. Tome cuidado, meu filho. Não vá ficar por lá.

MARCELO: Amanhã começo minha carreira de capataz. *(Sai)*

HELENA: Os anjos que digam amém.

MARCELO: *(Volta e dá um beijo na mãe)* Amém. *(Sai correndo)*

(Helena sorri, examina a sala, arruma alguma coisa, pega uma cesta de costura, senta-se e começa a trabalhar. Joaquim, embaixo, ri satisfeito)

LUCÍLIA: Alguma novidade?

JOAQUIM: Estes políticos são todos uns sujos.

LUCÍLIA: O que foi?

JOAQUIM: Entregam-se ao "Ditador" com uma facilidade de vendidos.

LUCÍLIA: Não é à toa que não gosto de política.

JOAQUIM: Também a única coisa boa que ele fez até agora, foi acabar com o P.R.P.

LUCÍLIA: Com os outros partidos políticos também.

JOAQUIM: *(Exaltando-se)* O meu partido nunca fez o que o P.R.P. fez.

LUCÍLIA: Para mim são todos iguais.

JOAQUIM: É por causa deles que nós, lavradores, estamos nesta situação.

LUCÍLIA: Ora, papai, o senhor sabe que isto não depende de partidos. Crise é uma coisa à parte.

JOAQUIM: *(Violento)* Foram eles! Foram eles!

LUCÍLIA: Papai! Não se exalte. Estamos apenas conversando.

JOAQUIM: Foram eles os culpados. Aqueles carcomidos!

LUCÍLIA: *(Subitamente retesada)* Do rompimento do meu namoro também?

JOAQUIM: *(Deixa cair o jornal, triste)* Lucília! Você não esquece isso. Você não sabe perdoar, minha filha!

LUCÍLIA: *(Altiva, levanta a cabeça — ainda retesada)* É por isso que sou sua filha.

JOAQUIM: *(Reagindo novamente)* O pai do Olímpio me insultou em público naquela eleição.

(Marcelo sai de seu quarto no Primeiro Plano, vestido simplesmente)

MARCELO: Mamãe já pediu para não se discutir política.

JOAQUIM: Estou em minha casa. Discuto quanto queira.

MARCELO: Está certo. Estou apenas lembrando.

LUCÍLIA: Desculpe-me, papai. Não tive tenção de magoar o senhor.

JOAQUIM: (*Senta-se novamente, mas não continua a ler*)

LUCÍLIA: Marcelo! Deixe o papai falar o que quiser.

MARCELO: Por mim, que me importa.

LUCÍLIA: Então não diga nada. A casa é dele.

MARCELO: (*Pequena pausa*) Lucília!

LUCÍLIA: Que é?

MARCELO: (*Sorri*) Estou... (*mostra o bolso vazio*)

LUCÍLIA: E eu com isto?

MARCELO: Preciso pegar a jardineira para chegar ao frigorífico.

LUCÍLIA: Se você deitasse mais cedo e não gostasse tanto do ar fresco da noite, sobraria mais dinheiro.

MARCELO: Só esta vez. O mês que vem não vou precisar mais.

LUCÍLIA: Tenho dinheiro contado para tudo.

MARCELO: Então não posso ir trabalhar. (*Senta-se*)

LUCÍLIA: Isto é com você.

MARCELO: Lembro-me que a mamãe...

LUCÍLIA: Já sei: você dava um abraço, um beijo, chamava de minha namorada, e pronto: o dinheiro saía. Não se esqueça de que não estamos mais na fazenda.

MARCELO: Será que você não pode compreender?

LUCÍLIA: Não, não posso.

MARCELO: Você é moça demais para bancar a solteirona.

LUCÍLIA: Não estou bancando nada.

MARCELO: Não vê que estou fazendo uma força danada?

LUCÍLIA: Força faço eu.

MARCELO: Lucília! Eu tenho tentado. Quero ajudar, mas não consigo me libertar. Tenha paciência. É questão de tempo.

LUCÍLIA: (*Pequena pausa*) É a última vez, entendeu?

MARCELO: (*Sorri*) Também espero que seja.

LUCÍLIA: (*Tira o dinheiro da máquina*) Espera, não: tem que ser. Não gosto de ver você nesta situação.

MARCELO: Tudo vai bem. Não se preocupe. Até amanhã. Até amanhã, papai.

(*Marcelo sai pelo corredor. Joaquim levanta a cabeça e olha para o corredor*)

JOAQUIM: Até amanhã.

LUCÍLIA: Leia seu jornal, papai. Eu digo as coisas sem pensar.

JOAQUIM: Coitado do meu filho.

LUCÍLIA: Coitado, por quê?

JOAQUIM: Porque sim.

LUCÍLIA: Não trabalho também?

JOAQUIM: Você trabalha no meio da sua gente, em casa.

LUCÍLIA: Ele é homem.

JOAQUIM: Você sabe o que é trabalhar no frigorífico?

LUCÍLIA: Há outros que trabalham lá. Ele não é o único.

JOAQUIM: Mas não são meus filhos.

(*Helena empertiga-se como se ouvisse alguma coisa; depois volta à sua posição normal*)

LUCÍLIA: Quando é preciso, o que se pode fazer?

JOAQUIM: (*Olha fixamente para Lucília*) Não sei o que está acontecendo com você, minha filha!

LUCÍLIA: Comigo?

JOAQUIM: É.

LUCÍLIA: (*Empertiga-se*) O que há comigo?

JOAQUIM: Parece que está ficando dura, intolerante!

LUCÍLIA: Ou são vocês que estão moles?

JOAQUIM: Pode ser, não sei.

LUCÍLIA: (*Larga a costura*) O senhor pensa, papai, que gosto de saber que meu irmão viaja em jardineiras sujas, que trabalha num frigorífico no meio de pessoas que ele nunca viu e sem educação nenhuma? Pensa? Isso me atinge tanto quanto ao senhor. Acontece que precisamos encarar a situação de frente, não há outra saída.

JOAQUIM: Eu sei, minha filha.

LUCÍLIA: Espero que o senhor não fale nada. Deixe ele trabalhar. Aos poucos a situação melhora. O Marcelo não terá nada a perder, mesmo se voltarmos para a fazenda. Pelo contrário, só assim poderá ajudar o senhor lá, aprendendo, agora, a ter responsabilidade.

JOAQUIM: Não pretendo dizer nada, mas não posso deixar de sentir.

(Ouve-se alguém batendo, embaixo. Os dois olham para o corredor. Novo sobressalto de Helena no Segundo Plano)

LUCÍLIA: O senhor pode atender para mim?

(Joaquim ainda olha para Lucília, levanta-se e sai pelo corredor. Lucília apressa o seu serviço. Joaquim volta)

JOAQUIM: *(Irritado)* É essa Mafalda.

LUCÍLIA: Pediu para ela se sentar?

JOAQUIM: Não. *(Emburrado)* Disse que você já ia. *(Irritado)* De onde veio esse "po-vo"? Acho que você não devia trabalhar para essa gente!

LUCÍLIA: Ela paga bem e é isto que interessa. *(Lucília deixa cair sua caixa de botões e alfinetes)* Ah! Meus alfinetes!

JOAQUIM: Eu cato para você, minha filha.

LUCÍLIA: Pode deixar, pego na volta.

JOAQUIM: Não me custa.

LUCÍLIA: Ora, papai!

JOAQUIM: *(Irritado)* Vocês não me deixam fazer nada!

LUCÍLIA: Não tem cabimento, papai, o senhor catar alfinetes no chão!

(Lucília encaminha-se para o corredor)

JOAQUIM: Lucília! *(Falam abaixando a voz)*

LUCÍLIA: Senhor.

JOAQUIM: Você vai à sala, assim?

LUCÍLIA: Assim, como?

JOAQUIM: Com este vestido.

LUCÍLIA: O que tem o meu vestido?

JOAQUIM: Está velho, minha filha.

LUCÍLIA: Não posso trocar de vestido para atender uma freguesa.

JOAQUIM: É preciso guardar as aparências. Lucília.

LUCÍLIA: Estou trabalhando, não posso estar bem vestida.

JOAQUIM: Você sabe como esta gente é. Depois saem falando.

LUCÍLIA: Falando o quê?

JOAQUIM: Falando!

LUCÍLIA: Será que alguém ainda não sabe?

JOAQUIM: Não esta gentinha.

LUCÍLIA: O senhor tem cada uma!

JOAQUIM: Você podia cuidar mais de si.

LUCÍLIA: Não tenho tempo para isto.

JOAQUIM: Depende apenas de um pouco de boa vontade.

LUCÍLIA: Três anos em cima de uma máquina de costura não é brincadeira.

JOAQUIM: *(Violento)* Ainda somos o que fomos!

LUCÍLIA: Eu sei, papai. *(Pausa)* Velho ou não, devemos muito a ele. *(Com certa amargura)* Foi com este vestido que descobri minha vocação para costura. Não se lembra? Ele tem um valor muito grande para nós. *(Lucília pega nas costuras e encaminha-se para o corredor)*

JOAQUIM: Não gosto de ouvir você falar assim, minha filha!

LUCÍLIA: *(Olha o vestido: sorri, querendo se desculpar)* Apesar de tudo, a Mafalda nunca teve um igual. Fique o senhor sabendo que este vestido fez e ainda pode fazer muito sucesso. *(Dá uma ligeira volta sobre si)* Além do mais, ele me traz também boas recordações. *(Sai)* *(Joaquim ajoelha-se com uma certa dificuldade, entra embaixo da mesa e começa a catar os botões e alfinetes. Ao mesmo tempo que Lucília, embaixo, dá a volta sobre si, em cima, Helena levanta-se, preparando-se para receber alguém. Anda apressada para a esquerda como se fosse entrar em seu quarto, ao mesmo tempo que Joaquim se ajoelha, embaixo. Elvira aparece à porta em arco: está muito bem vestida; usa algumas jóias e tem os cabelos ligeiramente pintados. Elvira tem qualquer coisa de rígido em sua pose. Quando aparece, Elvira está com a fisionomia contraída; olha um instante para Helena. Quando Helena se volta, Elvira sorri subitamente)*

SEGUNDO PLANO

ELVIRA: Helena!

HELENA: *(Pára)* Elvira! Como vai?

ELVIRA: Bem. *(Arruma-se)* E você?

HELENA: Como Deus quer.

ELVIRA: Já estava a caminho daqui, quando encontrei o Marcelo.

HELENA: Fez boa viagem?

ELVIRA: Com estas estradas? Pensei que fosse chegar sem roupa.

HELENA: Estão mesmo muito ruins.

ELVIRA: Enfim, isso não é a pior coisa.

HELENA: *(Pausa um pouco embaraçosa)* Preciso muito falar com você, Elvira.

ELVIRA: Você não pode imaginar a situação em que estamos!

HELENA: Aconteceu alguma coisa?

LUCÍLIA: *(Voz)* Mamãe!

ELVIRA: Depois conversamos.

HELENA: Que foi, Elvira?

ELVIRA: *(Compungida)* Agora não, na frente dela não.

HELENA: Por quê? Minha filha está doente?

ELVIRA: Não.

HELENA: É sobre o Olímpio?

ELVIRA: *(Olha para a porta)* Não.

HELENA: O Marcelo disse alguma coisa?

LUCÍLIA: *(Chega correndo pela porta e pára)* Mamãe!

(Lucília aparece à porta em arco, com o mesmo vestido com que saiu embaixo. Está muito bem vestida e penteada. Corre e abraça Helena)

LUCÍLIA: Quanta saudade!

(No Primeiro Plano, Joaquim acaba de juntar os botões, levanta-se e vai para o banco; começa a ler os jornais novamente)

HELENA: Como vai, minha filha?

LUCÍLIA: Tão bem como a senhora não imagina? Fizemos ótima viagem, não foi, tia Elvira?

ELVIRA: Mais ou menos.

HELENA: Senti muita falta em você.

LUCÍLIA: Onde está o papai?

HELENA: Acho que no cafezal.

LUCÍLIA: *(Sorri)* Tenho uma surpresa para ele.

HELENA: *(Disfarçando)* Onde está o Marcelo?

LUCÍLIA: Não quis voltar.

HELENA: Recomendei a ele que não ficasse na cidade.

LUCÍLIA: Ora, mamãe, deixe o Marcelo se divertir.

ELVIRA: Bem que insisti, Helena, mas não houve meio.

LUCÍLIA: Ele vai aproveitar. Nunca a cidade esteve tão divertida! (*Suspira*)

HELENA: (*Olha para Elvira*) Ele me prometeu.

LUCÍLIA: A senhora ainda acredita nas promessas do Marcelo? Que ingenuidade, mamãe!

ELVIRA: Principalmente agora que...

LUCÍLIA: Olhe bem para mim, mamãe. Não vê qualquer coisa de diferente?

HELENA: Está com boa aparência, minha filha.

LUCÍLIA: Só isso?

HELENA: Bem vestida, também.

LUCÍLIA: Não está orgulhosa de mim?

HELENA: Por quê?

LUCÍLIA: (*Dando uma volta e fazendo pose*) Olhe só o meu vestido! Ninguém nunca teve um igual!

HELENA: Muito bonito, mesmo!

LUCÍLIA: Fique a senhora sabendo que este vestido fez um grande sucesso.

HELENA: Não é para menos.

LUCÍLIA: E sabe quem fez?

HELENA: Não.

LUCÍLIA: Está vendo, tia, como ela faz pouco caso de mim? Eu! Fui eu quem fez!

HELENA: Verdade?

ELVIRA: A Lucília tem muito jeito. Mais do que a minha costureira.

LUCÍLIA: Alguém disse que eu era a mais bonita e mais elegante da cidade!

HELENA: Vá se trocar, minha filha.

LUCÍLIA: (*Depois de beijar a mãe*) Vê se a senhora consegue fazer a tia sorrir. Esteve emburrada durante toda a viagem. (*Sai correndo para seu quarto*) Estou feliz!... feliz!... feliz! (*Pára, volta-se para a mãe e caminha lentamente para ela*) Mamãe! Fiquei conhecendo o melhor moço do mundo.

HELENA: (*Com esforço*) Já soube.

LUCÍLIA: Vou me casar, mãezinha!

HELENA: Pense bem, minha filha. Casamento é uma coisa muito séria.

LUCÍLIA: Sei o que quero.

HELENA: É preciso falar primeiro com seu pai.

LUCÍLIA: Mas, quem vai casar sou eu!

(No Primeiro Plano, Joaquim, aflito, dobra o jornal. Helena, também aflita, passa a mão pelos olhos e vacila)

ELVIRA: Helena!

LUCÍLIA: Mamãe! O que foi?

HELENA: *(Recupera-se)* Nada. Nada.

LUCÍLIA: Não se preocupe. Eu falarei com papai.

(Lucília beija a mãe e sai correndo; quando chega perto da porta do seu quarto, pára, sorri e volta-se novamente para Helena)

HELENA: O que foi?

LUCÍLIA: Não vai ser tão fácil conversar o papai.

HELENA: *(Preocupada)* Por quê?

LUCÍLIA: Porque sim.

HELENA: *(Aflita)* Vamos, Lucília, diga o que é!

LUCÍLIA: É que ele conhece muito bem

advocacia, mas... não entende, nada, absolutamente nada de cachorros e de cavalos.

HELENA: Ora, minha filha!

LUCÍLIA: Leis! Leis! É só o que ele pensa.

HELENA: É natural.

LUCÍLIA: Não é formidável?

ELVIRA: Que expressão, Lucília!

(Lucília ri e sai da sala)

(Pausa)

ELVIRA: Helena!

HELENA: Não foi nada. Fiquei comovida apenas.

ELVIRA: Sinceramente, Helena, não sei o que dizer.

HELENA: O Quim compreenderá.

ELVIRA: É que...

HELENA: Não é possível que vá sacrificar a Lucília por causa de política.

ELVIRA: Acontece, Helena, que vamos ter que enfrentar problemas muito mais graves.

HELENA: Problemas mais graves?

ELVIRA: Você precisa ser forte.

HELENA: De que se trata? O que é que está querendo me dizer?

ELVIRA: A situação não é boa.

HELENA: Não compreendo, Elvira!

ELVIRA: São muito graves os acontecimentos.

HELENA: Que acontecimentos?

(No Primeiro Plano, Joaquim levanta-se subitamente e vem se apoiar sobre a mesa, lendo ainda o jornal)

ELVIRA: Vamos atravessar uma grande crise.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Lucília!

HELENA: *(Segundo plano)* Crise?

ELVIRA: *(Segundo plano)* O café caiu a zero.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Lucília!

HELENA: *(Segundo plano)* *(Aturdida)* Caiu?

ELVIRA: *(Segundo plano)* Os lavradores foram abandonados pelo Governo.

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* *(Entrando)* Que foi, papai?

HELENA: *(Segundo plano)* Não é possível!

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Minha filha! *(Joaquim fica olhando para Lucília sem poder falar)*

ELVIRA: *(Segundo plano)* O Governo não pôde sustentar a política de defesa do café e...

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* *(Preocupada)* Que está acontecendo, papai?

HELENA: *(Segundo plano)* Diga, Elvira!

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Não disse que íamos voltar para a fazenda?

ELVIRA: *(Segundo plano)* ...e os preços caíram vertiginosamente. Vamos todos à ruína.

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Já pedi tanto ao senhor que não fale mais nisto!

HELENA: *(Segundo plano)* Meu Deus! Que será de nós!

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Moratória! Moratória, minha filha!

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* O que é isto?

ELVIRA: *(Segundo plano)* É preciso ânimo, Helena!

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Prazo! Prazo de dez anos aos lavradores.

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Dez anos?!

HELENA: (*Segundo plano*) (*Procurando à sua volta*) É preciso... É preciso...

ELVIRA: (*Segundo plano*) Já pedi ao Augusto para...

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Não disse, minha filha...

ELVIRA: (*Segundo plano*) ...para não protestar nada.

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) ...que tivessem esperança?

HELENA: (*Segundo plano*) Protestar o quê?

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) (*Veemente*) É preciso que o Olímpio ganhe o processo!

ELVIRA: (*Segundo plano*) A dívida que o Quim fez comigo.

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Deus é grande!

HELENA: (*Segundo plano*) Dívida! Que dívida?

ELVIRA: (*Segundo plano*) Não sabia?

HELENA: (*Segundo plano*) Que vergonha!

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) Que diz o jornal?

ELVIRA: (*Segundo plano*) O Quim deve ao Banco e a muita gente, Helena.

HELENA: (*Segundo plano*) (*Angustada*) Não! Não!

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) (*Lendo o jornal*) Aqui está bem claro:...

ELVIRA: (*Segundo plano*) O que estiver ao meu alcance...

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) ...prazo de dez anos para pagamento das dívidas!

ELVIRA: (*Segundo plano*) ...eu farei para ajudar vocês.

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) Será verdade que vamos voltar?

HELENA: (*Segundo plano*) Minha casa!

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Não tenha dúvida, minha filha!

HELENA: (*Segundo plano*) (*Ainda mais angustiada*) Minha família!

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) E a fazenda vai ser inteiramente nossa?

HELENA: (*Segundo plano*) (*Num desespero crescente*) Nossas terras!

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Foi sempre nossa!

HELENA: (*Segundo plano*) (*Não se contendo mais*) Nossas terras! Não! Elvira! Será o fim de tudo!

ELVIRA: (*Segundo plano*) Helena! Acalme-se, por favor.

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) (*Entregando-se à alegria*). Replantaremos nosso jardim!

HELENA: (*Segundo plano*) Meu marido, meus filhos nasceram aqui...

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) (*Recordativo*)
Novas jabuticabeiras!

HELENA: (*Segundo plano*) ... não poderão viver! (*Solução*).

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) Foi apenas um sonho! um sonho mau.

ELVIRA: (*Segundo plano*) (*Temerosa*) Helena! Helena!

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) É preciso ter fé! É preciso ter esperança!

(*Helena caminha, desorientada, pela sala; sua voz sai reprimida pela dor*)

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) (*No auge da alegria*) Papai! Papai! (*Abraça Joaquim*)

HELENA: (*Segundo plano*) (*No auge do desespero*) Quim! Quim! Quim! (*Elvira abraça Helena*)

(*Helena começa a soluçar convulsamente. Joaquim e Lucília continuam abraçados, silenciosos na sua grande alegria*)

Pano rápido.

SEGUNDO ATO

CENÁRIO — O mesmo do primeiro ato. Cobrindo a máquina de costura, uma toalha mais ou menos vistosa; sobre a máquina, um vaso com flores. A ação no Segundo Plano se passa algum tempo depois e a do Primeiro Plano na mesma semana.

CENA — Ao abrir-se o pano, as duas salas estão vazias. Joaquim entra pelo corredor, Primeiro Plano, carregando um latãozinho de leite e um pacote; quando vai entrar na cozinha, encontra-se com Lucília.

PRIMEIRO PLANO

LUCÍLIA: Bom dia, papai.

JOAQUIM: Bom dia, minha filha. Onde vai?

LUCÍLIA: A igreja.

JOAQUIM: Assim é que gosto de ver você. Bem vestida.

LUCÍLIA: Nunca saí à rua mal vestida.

JOAQUIM: Encontrei as sementes.

LUCÍLIA: Onde?

JOAQUIM: Na chácara do Honorato.

LUCÍLIA: O senhor já foi lá, hoje?

JOAQUIM: E encontrei todos na cama. É uma vergonha! (*Desembrulha o pacote*) Vou fazer a nova horta perto da bica do monjolo.

LUCÍLIA: Se a bica ainda estiver de pé.

JOAQUIM: Se eles derrubaram um pau de cerca na minha fazenda, vão pagar caro. Olhe: alface, cebola, couve... isto é para você. (*Entrega alguma coisa a Lucília*)

LUCÍLIA: Que é?

JOAQUIM: Sementes para o jardim. Comprei bastante de girassol.

LUCÍLIA: E essas batatas?

JOAQUIM: São de dalias.

LUCÍLIA: Para que tantas?

JOAQUIM: Brancas, amarelas, róxas, a cor que você quiser.

LUCÍLIA: O jardim estava uma beleza quando saímos de lá!

JOAQUIM: Em pouco tempo ficará bonito outra vez. Imagino como deve estar!

LUCÍLIA: Quanto custaram as sementes?

JOAQUIM: Uma bagatela!

LUCÍLIA: Quanto?

JOAQUIM: Troquei com o presente de sua tia.

LUCÍLIA: O prendedor de gravata? O senhor foi logrado!

JOAQUIM: Para que me servia aquilo!

LUCÍLIA: Bom. Não tem importância. Presente da tia Elvira. Até logo. (*Quando vai sair, pára olhando para o galho de jabuticabeira*) Ele vai voltar conosco, não vai, papai?

JOAQUIM: Quem?

LUCÍLIA: Nosso galho de jabuticabeira.

JOAQUIM: Naturalmente que vai.

LUCÍLIA: É maravilhoso!

JOAQUIM: Se você visse como estava florido quando eu trouxe da fazenda!

LUCÍLIA: Eu vi.

JOAQUIM: Uma jabuticabeirinha que parecia doente e, de um dia para outro, ficou branca de flores. Bastou chover.

LUCÍLIA: Vamos fazer, para ela, um rego d'água especial.

JOAQUIM: Naturalmente que vamos!

LUCÍLIA: *(Apressada)* Estou atrasada. *(Pára e volta-se para Joaquim)* O senhor tomou o remédio?

JOAQUIM: Ainda não. Você acha...

LUCÍLIA: *(Corta)* Acho que é preciso, sim senhor. Vá tomar.

JOAQUIM: É jogar dinheiro fora.

LUCÍLIA: Espero que não banque mais a criança.

JOAQUIM: Por quê?

LUCÍLIA: Dizendo que o médico não havia receitado nada.

JOAQUIM: Não quis que você ficasse preocupada.

LUCÍLIA: Agindo assim, o senhor me preocupa muito mais.

JOAQUIM: Estou satisfeito! Estou muito satisfeito, minha filha.

LUCÍLIA: Não é para menos.

JOAQUIM: Não. Não é só por causa da moratória. Acho que deve casar o mais depressa possível.

LUCÍLIA: Ainda é cedo para pensar nisto.

JOAQUIM: Certas coisas têm o poder de nos transformar. Só de ver você feliz, esqueço tudo o que passei. *(Olham-se durante um momento)* Traga o Olímpio depois da missa.

LUCÍLIA: *(Saindo)* Está bem.

JOAQUIM: Lucília!

LUCÍLIA: *(Sai)* Mamãe está me esperando.

(Helena aparece no Segundo Plano: está envelhecida e desanimada. Depois de vacilar, dirige-se à porta do quarto de Lucília. Joaquim pega as sementes e o latãozinho, olha para o galho de jabuticabeira, sorri e entra na cozinha)

SEGUNDO PLANO

HELENA: Lucília!

LUCÍLIA: *(Voz)* Senhora.

HELENA: Não vai rezar a ladainha comigo?

LUCÍLIA: *(Voz)* Vou.

HELENA: Então, venha.

LUCÍLIA: *(Voz)* Já vai, mamãe.

HELENA: Não demore, minha filha.

(Helena ajoelha-se diante dos quadros. Lucília aparece à porta de seu quarto, observa a mãe e, depois, também se ajoelha)

HELENA: A ladainha de Nossa Senhora?

LUCÍLIA: É.

(Joaquim entra no Primeiro Plano. As vozes começam num murmúrio e depois se elevam. Joaquim carrega um par de botas; enquanto fala, vai limpando as botas)

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Marcelo!

HELENA: *(Segundo plano)* Santa Mãe de Deus.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Marcelo!

HELENA: *(Segundo plano)* Santa Virgem das virgens.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe de Jesus Cristo.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Levante-se, meu filho. Hoje temos grandes novidades!

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe da divina graça.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

MARCELO: *(Primeiro plano)* *(Voz)* Quero dormir.

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe puríssima.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Nada disto. O sol já nasceu há muito tempo. *(Sai para a cozinha)*

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe castíssima.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe imaculada.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.
(Marcelo aparece à porta de seu quarto no Primeiro Plano e fica parado, meio tonto; está com cara de ressaca)

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe intacta.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe amável.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

(Marcelo vai, cambaleando, olhar as horas)

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe admirável.

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.

HELENA: *(Segundo plano)* Mãe do bom conselho. *(Helena vacila)*

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Rogai por nós.
(Lucília passa a mão no ombro de Helena e esta empertiga-se novamente)

MARCELO: (*Primeiro plano*) Chamar a gente a esta hora! (*Volta ao quarto*)

(*Enquanto Marcelo volta ao quarto, as vozes no Segundo Plano tornam-se um murmúrio e, depois, elevam-se novamente*)

SEGUNDO PLANO

HELENA: A vossa proteção nós recorremos, Santa Mãe de Deus; não desprezeis as súplicas que, em nossas necessidades, vos dirigimos, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

LUCÍLIA: Rogai por nós.

HELENA: Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

LUCÍLIA: Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

HELENA: Amém. (*Helena e Lucília levantam-se*)

LUCÍLIA: (*Depois de uma pausa*) Papai onde está?

HELENA: Foi à cidade.

LUCÍLIA: Sozinho?!

HELENA: Não quis de maneira nenhuma que eu fosse com ele.

LUCÍLIA: Que foi fazer?

HELENA: Ver se recebia o dinheiro do Arlindo.

LUCÍLIA: Por que deixou, mamãe? Não vê que o papai é capaz de agredir o Arlindo?

HELENA: Recomendei ao Benedito que avisasse sua tia.

LUCÍLIA: Também o papai é de uma boa fé incrível. Vender café a prazo numa época destas!

HELENA: Se tivesse me ouvido, nada disto teria acontecido.

LUCÍLIA: (*Pausa*) Mamãe! E se o Arlindo não pagar? Que acontece?

HELENA: (*Contraí-se*) Não sei.

LUCÍLIA: A senhora sabe. Diga!

HELENA: Deixe por conta de seu pai. Ele resolve.

LUCÍLIA: Ora, mamãe. O papai perde o controle, se exalta pela menor coisa. Precisamos ajudá-lo.

HELENA: Seu pai não gosta que ninguém interfira nos negócios dele.

LUCÍLIA: Por isso mesmo, chegamos onde estamos!

HELENA: Lucília! Não censure seu pai.

LUCÍLIA: Quero saber o que vai acontecer. Diga!

HELENA: (*Com esforço*) Se êle não receber o dinheiro, a fazenda vai à praça.

LUCÍLIA: O que é isto?

HELENA: Será vendida para pagamento das dívidas.

LUCÍLIA: (*Pausa*) Que vergonha, mamãe! O que vão pensar de nós!

HELENA: Isto acontece com qualquer um, como está acontecendo. Não somos os únicos ameaçados. A maioria dos fazendeiros está na mesma situação.

LUCÍLIA: Como é que papai permitiu que chegássemos a este ponto!

HELENA: Tivemos anos difíceis, minha filha. Falta de chuva, geadas, tantas coisas! Não é uma questão somente de seu pai.

LUCÍLIA: (*Pequena pausa*) São muitas dívidas?

HELENA: Infelizmente, são.

LUCÍLIA: A senhora não podia ter evitado?

HELENA: Você conhece seu pai. Nunca me põe a par de nada.

LUCÍLIA: Que vamos fazer?

HELENA: Esperar.

LUCÍLIA: Esperar quando tudo nos ameaça?! Esperar quando papai está sofrendo esta humilhação?

HELENA: Esperar, minha filha, e pedir a Deus que tenha compaixão de nós.

LUCÍLIA: Deve haver uma saída. Não se perde tudo da noite para o dia, assim sem mais nem menos.

HELENA: Seu pai é muito cabeçudo. Não ouve o que a gente fala. Quando envereda para um lado, não há nada que o faça voltar.

LUCÍLIA: A senhora falou alguma coisa com tia Elvira?

HELENA: (*Com esforço*) Falei.

LUCÍLIA: O quê?

HELENA: Pedi que arranjasse o dinheiro para o Quim, ou pelo menos que... (*pára, aflita*)

LUCÍLIA: Continue, mamãe.

HELENA: ...que arrematasse a fazenda.

LUCÍLIA: (*Violenta*) Eles ficarem com as nossas terras?!

HELENA: Não quero que seja arrematada por gente estranha.

LUCÍLIA: (*Veemente*) Aposto como o pai não fará isto! Aposto!

HELENA: Ele me prometeu.

LUCÍLIA: Por que a senhora não me chamou? Eu teria ido com ele de qualquer jeito.

HELENA: Para quê?

LUCÍLIA: Talvez a gente pudesse encontrar um outro meio.

HELENA: O Quim sabe que é preciso. Ele vai falar, tenho certeza.

LUCÍLIA: Se não fosse tão orgulhoso, eu acreditaria.

HELENA: Orgulho é pecado, minha filha.

LUCÍLIA: Também pode ser qualidade. Conforme as condições, é preferível perder.

HELENA: Você ainda não pensou nas conseqüências que teremos que sofrer, se o Quim perder a fazenda?

LUCÍLIA: Se o papai não fizer isso, não o censurarei.

HELENA: Sem a fazenda ele não será ninguém. Vai se sentir inútil.

LUCÍLIA: Ver a nossa fazenda nas mãos do tio Augusto é pior do que perdê-la.

HELENA: Não vê, Lucília, que seu pai não pode viver fora daqui?

LUCÍLIA: Assim, é uma humilhação!

HELENA: Devemos pensar somente em seu pai, pôr tudo de lado. Ele já está no fim da vida, sofreria mais se tivesse que sair.

LUCÍLIA: (*Contendo-se*) É demais, mamãe. É demais!

HELENA: Se seu tio arrematar a fazenda, o Quim poderá continuar, trabalhar, morrer em suas terras. Há homens que não sabem, não podem viver fora de seu meio. Seu pai sempre morou na fazenda. Para nós o mundo se resume nisto. Toda a nossa vida está aqui. (*Joaquim sai no Primeiro Plano, trazendo um embornal, cartuchos, buzina de chifre, pios de passarinhos, etc.*) E não se esqueça, Lucília, que seu irmão não tem profissão, não estudou. Em que condições iríamos viver?

LUCÍLIA: E eu? Por acaso não conto para nada?

HELENA: Você é mulher!

LUCÍLIA: Posso ajudar também.

HELENA: Viveríamos, mas não é só isto que importa. A gente nasce, vive e trabalha na terra. Não aprendemos a fazer outra coisa, nem a viver de outra maneira. Se tivéssemos que sair, não sei o que poderia acontecer.

(Joaquim, enquanto conversa, vai examinando suas coisas)

JOAQUIM: (Primeiro plano) Marcelo!

LUCÍLIA: (Segundo plano) Do jeito que tio Augusto é rancoroso, agora há de querer humilhar papai.

ELVIRA: (Primeiro plano) (Entrando) Bom dia, Quim.

HELENA: (Segundo plano) Há outras coisas que podem nos humilhar mais.

JOAQUIM: (Primeiro plano) Bom dia, Elvira.

LUCÍLIA: (Segundo plano) (Subitamente) Mamãe! Vou à cidade.

ELVIRA: (Primeiro plano) Helena e Lucília não estão?

HELENA: (Segundo plano) Não, minha filha. Não adiantará nada.

JOAQUIM: (Primeiro plano) Foram à igreja. Marcelo!

LUCÍLIA: (Segundo plano) Quero ficar junto de papai. (Entra no quarto)

ELVIRA: (Primeiro plano) Ainda dormindo?!

JOAQUIM: (Primeiro plano) Ainda.

HELENA: (Segundo plano) Lucília! Não vá, minha filha. O Marcelo está lá, ele ajuda seu pai.

ELVIRA: (Primeiro plano) Os moços têm muito sono, não é mesmo? É bom dormir enquanto pode!

JOAQUIM: (Primeiro plano) Preguiça! Deita tarde, é isso!

ELVIRA: (Primeiro plano) Não tem preocupações. (Suspira) Gostaria de poder dormir assim.

HELENA: (Segundo plano) (Encostando-se à parede) Não adianta! (Reprime os soluços) Não adianta mais!

JOAQUIM: (Primeiro plano) Eu tenho preocupações e durmo. Só uma coisa nos tira o sono: consciência pesada. E isto, graças a Deus, eu não tenho.

ELVIRA: (Primeiro plano) (Ligeiro estremecimento) Já está se preparando?

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Estou. Não vejo chegar a hora de voltar.

ELVIRA: (*Primeiro plano*) A Lucília não está costurando mais?

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Não. Não quero que costure.

ELVIRA: (*Primeiro plano*) Queria experimentar o vestido. Não tem importância, volto mais tarde. Trouxe esses queijos da fazenda.

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Não vai esperar?

ELVIRA: (*Primeiro plano*) Não posso. Preciso ir ao Asilo. Hoje temos reunião da Diretoria. E como são cansativas e cacetes! Mas precisamos ajudar o próximo! (*Suspira*)

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Venha almoçar.

ELVIRA: (*Primeiro plano*) Venho, sim. Até logo. (*Sai*)

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Até logo.

(*Lucília sai de seu quarto no Segundo Plano, acabando de se arrumar*)

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) Não agüento mais ver o papai nesse estado.

(*Joaquim, no Primeiro Plano, pega os queijos e sai para a cozinha*)

SEGUNDO PLANO

HELENA: Você não poderá fazer nada, minha filha.

LUCÍLIA: Ao menos estarei junto dele.

HELENA: Vamos esperar aqui.

LUCÍLIA: (*Beija a mãe*) Não. Não sei esperar. Se ficar aqui, enlouqueço. (*Corre para a porta em arco*) Alguém precisa ajudá-lo a salvar a fazenda...

(*Lucília pára subitamente, ficando embaraçada, sem saber o que fazer*)

HELENA: (*Nervosa*) Lucília! O que foi, Lucília?

LUCÍLIA: Bom dia.

OLÍMPIO: (*Voz*) Bom dia.

HELENA: (*Temerosa*) Quem é? Quem é que está aí, minha filha?

LUCÍLIA: É... é o Olímpio.

HELENA: (*Controla-se*) Mande entrar, Lucília.

LUCÍLIA: Desculpe-me. Faça o favor de entrar.

(*Olímpio aparece; atrapalha-se ligeiramente, quando vê Helena*)

OLÍMPIO: Bom dia.

HELENA: Bom dia. (*Momento de embarço*) Não quer se sentar?

OLÍMPIO: Obrigado. (*Senta-se*)

HELENA: (*Pausa*) O senhor veio da cidade?

OLÍMPIO: Vim.

HELENA: Não viu meu marido?

OLÍMPIO: (*Embaraço*) Não... não!

HELENA: (*Pausa*) Espero que o senhor não repare, mas é que estamos preocupados. O momento é bastante difícil para todos.

LUCÍLIA: Mamãe!

HELENA: (*Mais rápida*) O senhor compreende, estamos lutando para salvar a fazenda e é natural que...

LUCÍLIA: (*Com orgulho*) De qualquer maneira, saberemos enfrentar a situação.

OLÍMPIO: Não duvido. (*Momento de embaraço*)

HELENA: (*Levanta-se*) O senhor me permite?

OLÍMPIO: (*Levanta-se também*) Pois não. A vontade, minha senhora.

HELENA: Lucília! Mande ver um café. Pode deixar, eu mesma vejo. (*Helena sai para a cozinha. Pausa*)

OLÍMPIO: Lucília!

LUCÍLIA: Desculpe-me. Não tive tenção de ofendê-lo.

OLÍMPIO: Por que não voltou à cidade?

LUCÍLIA: Com esta situação não pude voltar.

OLÍMPIO: Você prometeu voltar com a resposta!

LUCÍLIA: (*Admirada*) Resposta?!

OLÍMPIO: Combinamos ficar noivos, não foi?

LUCÍLIA: É muito amável de sua parte fingir que ignora a situação.

OLÍMPIO: Lucília! Eu compreendo que o momento é difícil, mas acho que nossos sentimentos devem estar acima de tudo.

LUCÍLIA: É que não estou bem certa disto.

OLÍMPIO: (*Pausa*) Acha que eu não devia ter vindo?

LUCÍLIA: Acho.

OLÍMPIO: (*Embaraçado*) Neste caso... (*Dirige-se para a porta*)

LUCÍLIA: Espero que compreenda.

OLÍMPIO: Compreender o quê?

LUCÍLIA: Tudo.

OLÍMPIO: Para mim nada mudou.

LUCÍLIA: Mudou tanto que eu mesma custo a crer.

OLÍMPIO: Você está apenas desorientada pelos acontecimentos. É natural.

LUCÍLIA: Gostaria de acreditar nisto.

OLÍMPIO: Garanto a você.

LUCÍLIA: É muito mais grave do que parece. Você está pensando na situação financeira em que vamos ficar e eu não. Sinto que todos nós vamos ser envolvidos e, depois, não poderemos mais ser os mesmos. Não é só a fazenda que estamos ameaçados de perder.

OLÍMPIO: Seu pai é um homem forte.

LUCÍLIA: Forte! Diante de certas coisas, que adianta ser forte?

OLÍMPIO: Só assim poderemos enfrentar o que nos ameaça.

LUCÍLIA: Tenho observado papai. Aquela calma não me engana. Há qualquer coisa atrás de seu silêncio que me assusta. Tenho visto papai andando pela fazenda como um animal acuado. Olha tudo demoradamente. Parece dizer adeus até às pedras, às árvores. Subitamente, parece que tudo adquiriu vida, sentido. O menor objeto, o movimento de um galho, os animais, as plantas, os gestos, tudo! Tudo passou a ter um significado diferente. Ontem...

OLÍMPIO: Fale, Lucília. Desabafe.

LUCÍLIA: Ontem, encontrei papai no meio das jabuticabeiras, olhando-as, quase acariciando-as. Passava de uma para outra, examinando com ansiedade, como se todas estivessem doentes. Por um momento me deu a impressão de estar perdido, sem poder sair do meio delas. Fui ao seu encontro. Quando me viu, apressou o passo, fugiu de mim, como se eu fosse demais. (*Pausa*) Foi ele quem plantou todas!

OLÍMPIO: Compreendo o que ele sente.

LUCÍLIA: É o que gostaria de saber: até que ponto ele é forte. Se eu pudesse encontrar um meio de ajudá-lo. Esta calma, este silêncio do papai me apavoram. Eu sofreria tudo por ele.

OLÍMPIO: Certos fatos são irremediáveis!

LUCÍLIA: Papai finge uma segurança...
(*Pára e olha para Olímpio*) O que você quis dizer com isso?

OLÍMPIO: Nada. Nada. Não quer a minha ajuda?

LUCÍLIA: Que pode você fazer?

OLÍMPIO: Lucília! Há solução para tudo.

LUCÍLIA: Aponte-me uma.

OLÍMPIO: Nosso casamento!

LUCÍLIA: E minha família?

OLÍMPIO: (*Embaraço*) Constituiremos a nossa.

LUCÍLIA: E deixo a minha no momento mais difícil?!

OLÍMPIO: (*Pausa. Olímpio luta contra um pensamento; depois resolve subitamente*) Sua família pode ir morar conosco!

LUCÍLIA: (*Rígida*) Ir morar conosco? Por quê?

OLÍMPIO: (*Com esforço*) O Arlindo... não conseguiu se salvar também. A fazenda de seu pai vai à praça hoje.

LUCÍLIA: Não!

OLÍMPIO: Lucília!

LUCÍLIA: Papai!

OLÍMPIO: Não queria que soubesse por intermédio de outra pessoa.

LUCÍLIA: Não me encoste a mão!

OLÍMPIO: Lucília! Tenha calma!

LUCÍLIA: Calma? Quando tudo se volta contra nós, quando perdemos o que é nosso, é só o que tem para me dizer?

OLÍMPIO: O momento é difícil para todos.

LUCÍLIA: O que interessa é meu pai.

OLÍMPIO: Interessa também o que tínhamos combinado! A inimizade de nossos pais nada representava para nós. Não se lembra?

LUCÍLIA: A situação agora é outra.

OLÍMPIO: Não os nossos sentimentos.

LUCÍLIA: Tudo mudou. Nossos sentimentos é o que menos conta.

OLÍMPIO: Você não pode ser sincera, Lucília!

LUCÍLIA: Sou! Sou! Não estamos de igual para igual. Para meu pai seria mais uma humilhação.

OLÍMPIO: Não diga isso!

LUCÍLIA: Digo! Digo! Ele nunca iria morar conosco e não o censuro. (*Subitamente*) Não quero mais casar.

OLÍMPIO: Pense bem, Lucília. Seus pais não sofrerão tanto se tiverem a nossa casa.

LUCÍLIA: Não tenho feito outra coisa: pensar! pensar!

OLÍMPIO: Você é moça, nada poderá fazer.

LUCÍLIA: Sei se posso ou não. Não quero falar mais nisto.

OLÍMPIO: É possível que tudo termine assim?

LUCÍLIA: Não posso fazer nada.

OLÍMPIO: Você não quer fazer nada.

LUCÍLIA: (*Pausa*) Olímpio! Por favor, compreenda.

OLÍMPIO: Reconheço que é difícil a situação, mas não é com atitudes contra tudo e todos que podemos vencer um momento como este.

LUCÍLIA: (*Contra-se*) Nada mais tem sentido. Nada!

OLÍMPIO: (*Pausa*) Então, eu representava muito pouco para você.

LUCÍLIA: Muito! No meio que me pertencia. Agora não me pertence mais.

OLÍMPIO: Isso é orgulho!

LUCÍLIA: Pois que seja.

OLÍMPIO: (*Pausa*) Sei o que sente. Acha humilhante depender de mim, o filho do inimigo político de seu pai. Como se casamento fosse só isto: combinação de fortunas ou de partidos políticos. Nunca aprovei esta mentalidade e espero que isto acabe de uma vez. Sempre achei vergonhoso o que meu pai fez ao seu e o que o seu fez a muita gente. Esse coronelismo que não reconhece razão a ninguém, que destrói tudo, que é cego!

LUCÍLIA: Meu pai nada tem com a minha atitude.

OLÍMPIO: Não acredito e prefiro não acreditar. Não posso crer que seu orgulho chegue a tanto!

LUCÍLIA: Você não compreende que minha família vai depender de mim? Não posso obrigá-los a aceitar sua ajuda.

OLÍMPIO: Você tem irmão.

LUCÍLIA: Marcelo! Desde que ficamos ameaçados de perder a fazenda, não faz outra coisa senão beber. Você sabe disto.

OLÍMPIO: Então mais do que nunca você precisa do meu apoio.

(Joaquim entra no Primeiro Plano, trazendo uma espingarda; enquanto fala vai engraxando-a)

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* *(Começando a entregar-se)* Não. Não!

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Marcelo!

OLÍMPIO: *(Segundo plano)* Não posso compreender, Lucília. Realmente não compreendo.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Quero saber por que é que saiu do frigorífico!

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Basta que eu compreenda. Agora, antes que... Por favor, deixe-me.

MARCELO: *(Primeiro plano)* *(Voz)* Estou com dor de cabeça.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Preguiçoso! Enquanto trocar o dia pela noite, será sempre assim.

OLÍMPIO: *(Segundo plano)* Seja franca, Lucília! Está acontecendo alguma coisa que eu não possa saber? *(Aproxima-se)* Confie em mim!

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* *(Temendo o contato)* Não me encoste a mão, já disse.

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* Nem no dia mais importante da minha vida, você não se anima?

OLÍMPIO: *(Segundo plano)* É mesmo o que você quer?

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* É o que preciso aceitar.

OLÍMPIO: *(Segundo plano)* Aceitar por quê? Por quê?

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* Porque sim. Não há explicação.

OLÍMPIO: *(Segundo plano)* É um adeus?

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* A Lucília parece outra!... e você nesta indiferença! *(Para e olha para o quarto)* Marcelo!

LUCÍLIA: *(Segundo plano)* *(Controlando-se)* É... é um adeus!

OLÍMPIO: *(Segundo plano)* Antes de sair desejo que saiba, que gosto muito de você. Nada mudaria isto. Nada!

(Joaquim põe a espingarda em cima da mesa, vai até a porta do quarto de Marcelo e abre-a)

JOAQUIM: *(Primeiro plano)* O Olímpio chegou. Hoje, sim, podemos comemorar. Quero que todos em minha casa... *(para subitamente)* Saia da cama!

MARCELO: (*Primeiro plano*) (*Voz*) Não estou me sentindo bem, papai.

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) (*Violento*) Não me interessa! (*Entra no quarto*) Saia deste quarto!

OLÍMPIO: (*Segundo plano*) Você não tem nada a dizer, Lucília?

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) Por favor, já não sei mais... É melhor assim.

OLÍMPIO: (*Segundo plano*) Se mudar de atitude, estarei à sua espera.

(*Joaquim aparece sucumbido à porta do quarto de Marcelo e encosta-se ao batente*)

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) Quero que ao menos compreenda que eu gostaria... Espero que tudo... Olímpio! Deixe-me.

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Inútil!

OLÍMPIO: (*Segundo plano*) Até à vista. (*Dirige-se para a porta*)

MARCELO: (*Primeiro plano*) (*Voz*) Não me amole.

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Bêbado!

MARCELO: (*Primeiro plano*) (*Voz*) Oh! Meu Deus!

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) (*Desesperada*) Olímpio!

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) Saia daí para limpar isto!

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) (*Corre e abraça Olímpio*) Tenho medo!

OLÍMPIO: (*Segundo plano*) Acalme-se. Confie em mim.

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) Não vá embora agora. Não me deixe sozinha!

OLÍMPIO: (*Segundo plano*) Nós vamos encontrar uma solução. Tenha calma!

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) Não posso deixá-los. Eu sei. Não posso deixá-los.

OLÍMPIO: (*Segundo plano*) Já disse que não é preciso.

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) Abrace-me com força, Olímpio. Não quero pensar. Não me deixe pensar.

OLÍMPIO: (*Segundo plano*) Minha querida! Estou aqui! Não! Não diga mais nada. Precisamos decidir o que vamos fazer. Só com calma poderemos convencer seu pai.

LUCÍLIA: (*Segundo plano*) Sei o que nos espera e tenho medo.

JOAQUIM: (*Primeiro plano*) (*Atravessando a sala, lentamente*) Você é um homem sem palavra. Não passa de um vencido.

OLÍMPIO: (*Segundo*) Não se preocupe com o futuro. Para isto estarei junto de você. Venha! Vamos esperar seu pai. Ele vai compreender. (*Olímpio e Lucília saem, abraçados, pela porta em arco. Ao mesmo tempo, Marcelo aparece à porta de seu quarto no Primeiro Plano e Helena, com uma bandeja de xícaras, à porta da cozinha no Segundo Plano. Helena volta-se e sai novamente. Marcelo encosta-se ao batente da porta completamente atordoado*)

PRIMEIRO PLANO

JOAQUIM: Pegue um pano e limpe isto já. Não quero que sua mãe veja essa sujeira.

MARCELO: Não vamos discutir agora, papai.

JOAQUIM: É agora! Agora!

MARCELO: Minha cabeça...

JOAQUIM: (*Corta*) Está cheia de álcool. Nunca teve dentro outra coisa.

MARCELO: Não quero discutir, já disse.

JOAQUIM: (*Violento*) Sente-se! Estou falando com você. Quero saber por que saiu do frigorífico?

MARCELO: Aquilo não é emprego de gente. O senhor sabe disto.

JOAQUIM: Não sei de nada.

MARCELO: (*Olha o pai durante um instante*) Eu tentei ficar lá, papai, eu tentei, mas não consegui.

JOAQUIM: Você não honra o nome que tem.

MARCELO: (*Pausa*) E o que é que vale este nome?

JOAQUIM: Muita coisa. Ainda somos o que fomos.

MARCELO: Não somos nada, esta é que é a verdade.

JOAQUIM: Não me confunda com você.

MARCELO: Até quando o senhor vai mentir a si mesmo? Não percebe, não vê que não contamos mais para nada? Ninguém mais tem consideração por nós.

JOAQUIM: Por você não podiam ter mesmo.

MARCELO: Nem pelo senhor, papai.

JOAQUIM: Ninguém nunca me faltou o respeito.

MARCELO: (*Pausa*) Papai! Há dias fui à Casa Confiança comprar um par de sapatos. Pedi para pagar no fim do mês, e o dono me perguntou: "Quem é o senhor?" "Sou filho de "seu" Quim", respondi. Sabe o que ele me perguntou ainda? "E quem é "seu" Quim?"

JOAQUIM: (*Empertiga-se*) Ele se atreveu?!

MARCELO: Vivemos num mundo diferente, onde o nome não conta mais... e nós só temos nome.

JOAQUIM: Se você trabalhasse, não precisaria ouvir isto!

MARCELO: Não podia continuar no frigorífico. Não podia. Às vezes, sentia que ia enlouquecer. Por que havia de continuar? Por quê? Não se vive para isto.

JOAQUIM: Para que, então? Para ser um inútil?

MARCELO: O senhor finge não compreender o que digo. Não me adapto a esta ordem de coisas.

JOAQUIM: Servia para ajudar sua irmã até voltarmos para a fazenda. Mas, é melhor ficar na cama do que enfrentar a vida.

MARCELO: O senhor me ensinou?

JOAQUIM: Mostrei o caminho. Fiz minha obrigação.

MARCELO: O caminho! É exatamente o que estou querendo provar: que o senhor mostrou o caminho errado. O caminho que para nós, principalmente para nós, não tem mais sentido. O senhor não me educou para ser operário.

JOAQUIM: Então, por que não estudou? Não foi por falta de falar.

MARCELO: A situação seria a mesma. Não se trata disto. O que importa é aceitar ou não o presente; esquecer, saber esquecer. (*Pausa*) Papai! O senhor não compreende que depois de se ter vivido solto, no meio do campo; depois de se ter conhecido uma outra segurança, não é possível ficar preso o dia inteiro dentro de um salão com o chão sujo de sangue e receber ordens de gente que... que... Não agüentava aquilo. Estava farto. Era lá que a saudade, a consciência do que fomos, mais me oprimia.

JOAQUIM: Eu afirmo a você: (*num grito*) ainda somos o que fomos!

MARCELO: Papai! Por que é que ninguém vem à nossa casa? Lembra-se como vivia cheia de gente? Como era alegre? Por quê? Porque não passamos de uns quebrados sem importância.

JOAQUIM: (*Quase apoplético*) Não sou um quebrado! A moratória vai devolver tudo que era meu. Tudo!

MARCELO: (*Com mágoa*) O senhor ainda acredita nisto?

JOAQUIM: Acredito! Sempre acreditei. O Olímpio chegou ontem. A fazenda vai ser de-

volvida. O processo de praxeamento está nulo por lei. (*Marcelo abaixa a cabeça, contendo-se*) O seu mal é que não soube ter esperança!

MARCELO: O senhor teve por todos.

JOAQUIM: Teve, não: tenho. Não sou um desfibrado como você. Sei defender os meus direitos. A lei manda que os editais de praça sejam publicados pela imprensa local, e não foram. O processo está, portanto, nulo. Estou cansado de afirmar isto.

MARCELO: (*Pausa*) Desejo apenas que o senhor continue com esta esperança, aconteça o que acontecer.

JOAQUIM: Não tenha dúvida. E pode estar certo de uma coisa: na minha fazenda você não põe os pés.

MARCELO: Sei disto!

JOAQUIM: Posso me gabar de nunca ter descido um degrau, um degrau sequer, da minha posição. Nunca perdi a dignidade. Não sujei o meu nome com atitude nenhuma. Eu sei esperar.

MARCELO: (*Pausa*) De minha parte o senhor não precisa ter mais receios. Vou embora daqui.

JOAQUIM: Você não soube arcar com a res-

ponsabilidade. Em vez de ajudar, só nos tem dado desgostos e mais desgostos.

MARCELO: Não pretendo mais acusar o senhor.

JOAQUIM: Acusar?! Uma pessoa como você não pode acusar ninguém, de nada. E a mim muito menos.

MARCELO: (*Levanta-se*) Não? E a nossa situação?

JOAQUIM: Não tive culpa.

MARCELO: Teve. Teve muita culpa. Os maus negócios foram feitos pelo senhor e por ninguém mais.

JOAQUIM: Você se atreve?

MARCELO: Atrevo porque é verdade. Foi o senhor quem vendeu o café a prazo e contraiu dívidas e mais dívidas.

JOAQUIM: Marcelo!

MARCELO: Reconheço, sou um fraco. Não assumi a responsabilidade. E o senhor? O senhor que só pensa na sua fazenda, no seu processo, nos seus direitos, no seu nome. Enquanto pensa em si mesmo, na sua honra, não pode sentir o que sinto. O senhor não sai à rua para saber o que os outros pensam de nós.

O senhor finge não perceber que não fazemos mais parte de nada, que o nosso mundo está irremediavelmente destruído. Se voltássemos para a fazenda...

JOAQUIM: (*Num grito*) Vamos voltar!

MARCELO: ...tornaríamos a perdê-la. As regras para viver são outras, regras que não compreendemos nem aceitamos. O mundo, as pessoas, tudo! Tudo agora é diferente! Tudo mudou. Só nós é que não. Estamos apenas morrendo lentamente. Mais um pouco e ficaremos como aquele galho de jabuticabeira: secos! secos!

(*Helena aparece no corredor do Primeiro Plano*)

JOAQUIM: (*Explodindo*) Saia de minha casa!

HELENA: Quim!

(*Marcelo corre e fecha a porta de seu quarto, ficando de costas*)

JOAQUIM: Saia já da minha casa!

MARCELO: É o que vou fazer.

HELENA: Que foi que aconteceu?

MARCELO: (*Contendo os soluços*) Nada, mamãe, nada. Apenas mais uma discussão.

JOAQUIM: Ninguém aqui está morrendo.

HELENA: Quim! Por favor.

MARCELO: Não quero discutir.

HELENA: Meu filho! Não levante a voz a seu pai! O que foi?

MARCELO: Não foi nada, mamãe. Não foi nada.

JOAQUIM: Você é um bêbado sem caráter.

HELENA: Quim! Pelo amor de Deus!

MARCELO: Não diga isso. O senhor é injusto.

JOAQUIM: Digo. Digo. É pura verdade.

HELENA: (*Reagindo*) Verdade coisa nenhuma.

JOAQUIM: Helena!

HELENA: (*Veemente*) Chega. Chega. Estou cansada dessas discussões.

JOAQUIM: O Marcelo tornou a embebedar-se.

HELENA: Porque não passa de um criança. É agora que precisa do nosso apoio.

JOAQUIM: Criançola! Na idade dele eu já tomava conta da minha família.

HELENA: Você! Você! sempre você!

JOAQUIM: Que é isto, Helena?

HELENA: É meu filho. Não posso admitir que ponha fora de casa. Não é assim que se corrige.

JOAQUIM: Tenho lutado para encaminhá-lo, mas é inútil! Não quer reagir, não quer trabalhar, não quer fazer nada!

HELENA: E nós? Que fizemos a nossos filhos? Diga, Quim!

JOAQUIM: Não fizemos nada. São coisas que acontecem.

HELENA: Acontecem não a todos.

JOAQUIM: Você me acusa, Helena?

HELENA: Defendo, não acuso ninguém. Sempre disse e continuo dizendo: é preciso ter paciência, é preciso saber esperar. Vocês perdem o controle, se exaltam pela menor palavra. Quim! Precisamos ser tolerantes se quisermos vencer esta situação. Se não quisermos ver nossa família dividida e destruída.

JOAQUIM: Defenda, defenda seu filho. Deixe que ele fique um perdido, um inútil.

HELENA: Não acuso você de nada, Quim. Sempre aceitei o que fazia ou determinava, como sendo o mais certo. Em tudo! Mas você pode afirmar que nunca errou? Pode?

JOAQUIM: Há erros e erros. Nunca foi um vagabundo...

MARCELO: Papai!

JOAQUIM: ...beberrão...

MARCELO: Papai! (*Agarra-se ao pai*)

JOAQUIM: Tire as mãos de mim.

HELENA: Marcelo!

MARCELO: Olhe bem para mim. Olhe bem para mim, papai.

JOAQUIM: Não é o rosto de meu filho!

MARCELO: O senhor não está vendo que eu sei?!

HELENA: (*Separando-os*) Quim! Meu filho! tenham piedade!

JOAQUIM: É um rosto sem esperança.

MARCELO: Por isso mesmo. Papai! Volte a si. O senhor está cego. Não vê que...

HELENA: Não diga mais nada, meu filho!

MARCELO: ...não é mais possível? Não queria magoá-lo. Não tenho coragem... eu... eu... (*Marcelo começa a soluçar e cai sentado no banco*)

JOAQUIM: Não quero encontrar mais você em minha casa.

HELENA: Acalme-se, Quim!

JOAQUIM: Não criei um filho para receber insultos.

HELENA: (*Perdendo a paciência*) Você não aprende nunca a perdoar?!

JOAQUIM: Não se fala mais nisto. Ele que vá cuidar da sua vida.

HELENA: Devemos ficar todos juntos!

JOAQUIM: (*Volta-se para Marcelo*) Somente aqueles que não têm esperança é que morrem lentamente. Pedi a Deus e agora tenho certeza de que vou morrer na minha fazenda, no meio do campo! (*Marcelo olha, ansioso, para o pai e contrai o rosto*) Tenho pena de você, meu filho. (*Dirige-se para a porta*)

HELENA: Onde é que você vai, Quim?

JOAQUIM: Não sei. Andar. Onde está a Lucília?

HELENA: Foi se encontrar com o Olímpio. (*Marcelo levanta a cabeça*)

JOAQUIM: (*Saindo*) Melhor. Falarei com os dois. (*Sai*)

MARCELO: (*Levanta-se aflito*) Papai! Papai!

HELENA: Marcelo! (*Segura-o*) Assim ele se acalma.

MARCELO: Não deixe, mamãe, não deixe.

HELENA: Quero falar com você. (*Marcelo aperta a cabeça com as mãos*) Por que perde a paciência com seu pai, meu filho? Você já o conhece. Ele não gosta que durma até tarde.

MARCELO: Não foi por causa disto.

HELENA: Por que, então?

MARCELO: Acusei papai de ser o culpado de tudo.

HELENA: Meu filho! Onde está com a cabeça? Você me prometeu não tocar mais neste assunto.

MARCELO: Não sei. Não sei de mais nada.

HELENA: Seu pai anda preocupado. Há três anos que espera ansiosamente o resultado deste processo. É natural que viva irritado. Vocês não têm paciência com ele. Setenta anos! A vida inteira levantando de madrugada, pensando em colheitas, em negócios, em vocês... Tendo responsabilidade e, de uma hora para outra, se vê sem nada, sem ter o que fazer o dia todo; sofrendo calado, esperando, esperando... (*Procura se controlar*) E para que tudo

isto? Para você, meu filho, vir falar com ele deste jeito. Fazer essas acusações! Não tem caridade?

MARCELO: Vou embora; aqui não consigo viver.

HELENA: É preciso se conformar com a situação. É necessário que você, que é moço, pare num emprego para melhorarmos de vida. *(Pausa)* Você me prometeu não beber mais.

MARCELO: Não estou bebendo. *(Retesa-se)* É que ontem à noite...

HELENA: O que foi? Diga!

MARCELO: *(Obcecado por uma idéia)* Ele fica falando que vamos voltar para a fazenda, e não posso mais ouvir falar nisto.

HELENA: Deixe seu pai falar, meu filho. É o único prazer que ele tem. Ele se agarra nisto para continuar a viver. O resto, que importa?

MARCELO: Mamãe!

HELENA: Para que desiludi-lo?

MARCELO: A senhora não espera voltar?

HELENA: *(Rígida)* Não. Não espero mais.

MARCELO: Não? Por quê?

HELENA: Nunca tive ilusões. Para mim tudo acabou naquele dia... *(Olha ligeiramente para os quadros)* ...naquele dia em que eu e seu pai saímos de lá. Falo em voltar para não desanimar o Quim.

MARCELO: *(Com esforço)* Foi por isso que bebi ontem à noite. Papai ia ficar sabendo. Tive medo!

HELENA: *(Temerosa)* Sabendo? Sabendo o quê?

MARCELO: Ele... ele perdeu.

HELENA: Perdeu?!

MARCELO: O processo de nulidade. Não pude me controlar; não tive coragem de dizer. Mamãe! Não queria que você sofresse. Não posso vê-la sofrer!

HELENA: *(Recupera-se)* Pense em seu pai, não em mim.

MARCELO: Mamãe! Acalme-se.

HELENA: Pedi tanto a Deus que adiasse; que adiasse até ele morrer.

MARCELO: Mamãe! Não fique assim. Papai é um homem forte... ele saberá se conformar!

HELENA: Deus sabe o que faz. *(Helena, aflita, se desprende dos braços de Marcelo)*

MARCELO: Onde é que a senhora vai?

HELENA: Ele não pode se encontrar com o Olímpio. É preciso que o Olímpio minta. *(Atravessa a sala correndo)* É necessário que ele minta. Quim! Quim! *(Sai correndo pelo corredor)*

(Neste instante, ouve-se Joaquim gritar no Segundo Plano: "RETIRE-SE! RETIRE-SE DE MINHA CASA". Joaquim aparece, vindo da porta em arco, seguido por Lucília e Olímpio. Joaquim procura esconder o rosto que está todo machucado de um lado. Marcelo, no Primeiro Plano, fica um instante parado, depois entra na cozinha; logo depois aparece com um pano na mão e entra em seu quarto)

SEGUNDO PLANO

JOAQUIM: *(Entrando)* Não admito, já disse.

OLÍMPIO: Procure compreender, "seu" Quim. Eu e Lucília queremos casar e acho que...

JOAQUIM: *(Corta brusco)* A fazenda vai à praça, não a minha filha. Minha família não está em liquidação.

OLÍMPIO: Sei que o senhor não se dá com

meu pai, mas isto não justifica uma atitude contra mim.

JOAQUIM: Faça o favor de se retirar.

LUCÍLIA: Não seja indelicado, papai.

JOAQUIM: Quero que este sujeito e todos saibam que ainda sei dirigir minha casa e defender o nome da família. Que ninguém se atreva a me fazer observações. Por enquanto nada mudou e nem vai mudar.

OLÍMPIO: Nada tenho com as atitudes políticas de meu pai.

JOAQUIM: É por causa da política de vocês que atravessamos esta crise. Se eu perder a fazenda, vocês serão os culpados.

(Marcelo sai do quarto com o pano na mão e entra na cozinha. Logo depois, volta e torna a entrar no quarto)

OLÍMPIO: Isto não impede que sua filha seja feliz comigo.

JOAQUIM: Sua opinião não me interessa.

LUCÍLIA: É a sua última palavra?

JOAQUIM: Não costumo falar duas vezes. Você sabe disto.

OLÍMPIO: *(Pausa)* Se precisar de minha

ajuda, estarei ao seu inteiro dispor. Passe bem.
Lucília! (*Quando faz menção de sair*)

LUCÍLIA: Espere, Olímpio.

OLÍMPIO: É melhor conversarmos depois.

LUCÍLIA: Não. É agora. Papai! Reconheço e respeito seus direitos, sua autoridade, mas acho que o senhor não pode... (*Lucília pára subitamente e leva a mão à boca*)

JOAQUIM: (*Ainda de costas*) Diga, minha filha. O que é que não posso?

LUCÍLIA: Nada! Nada!

JOAQUIM: Admiro muito que minha filha venha me falar na sua felicidade, justamente neste momento. Então minha fazenda, toda minha vida nada representam para você? (*Silêncio*) Responda, minha filha!

LUCÍLIA: É só o que importa, papai.

JOAQUIM: Pelo que vejo, a felicidade de vocês já não depende mais de mim?

LUCÍLIA: Depende, depende sim, papai.

JOAQUIM: (*Voltando-se para Lucília*) Já não sirvo para nada, não é?

LUCÍLIA: O que foi? O que é isto em seu rosto, papai?

JOAQUIM: (*Procura esconder o rosto novamente*) Não foi nada.

LUCÍLIA: O Arlindo?!

JOAQUIM: Não foi nada, já disse.

LUCÍLIA: (*Violenta*) Papai! Ele agrediu o senhor?

JOAQUIM: Não.

LUCÍLIA: Por que seu rosto está machucado assim?

JOAQUIM: (*Fugindo*) Bati... bati na travessa da cocheira.

LUCÍLIA: (*Quase descontrolada*) Não acredito! Foi o Arlindo quem fez isto? Diga, papai!

JOAQUIM: (*Com esforço*) O Arlindo não está na cidade. Fugiu, abandonou tudo.

LUCÍLIA: Quem?

JOAQUIM: Não se fala mais nisto.

LUCÍLIA: Papai! O senhor foi falar com tio Augusto?

JOAQUIM: Não quero conversar sobre isto!

LUCÍLIA: (*Eleva a voz*) Foi, papai?

JOAQUIM: (*Gesto, afirmativo, de cabeça*)

LUCÍLIA: Ele não quis ajudar? (*Gesto, negativo, de cabeça*) Esperei tanto que o senhor não fosse lá. Preferia mil vezes perder tudo a dever algum favor àquela gente.

JOAQUIM: Fui obrigado, minha filha. Que podia fazer?

LUCÍLIA: Que foi que aconteceu?

JOAQUIM: Pedi a ele que me emprestasse o dinheiro e ele me respondeu... (*contraí-se*) ...que fazia muito em perdoar a minha dívida com Elvira. Perdi a cabeça.

LUCÍLIA: (*Inteiramente retesada*) (Espero que o senhor tenha reagido à altura?)

JOAQUIM: Dei-lhe uma bofetada e... brigamos. (*Abaixa a cabeça*)

LUCÍLIA: Eu sabia que aquele ordinário ia se aproveitar disto. (*Anda, agitada, pela sala. Sua voz sai descontrolada pelo ódio*) Ele há de pagar! Ele precisa pagar! Se o senhor tivesse me levado, não teríamos sofrido esta humilhação. Papai! Precisamos voltar lá!

OLÍMPIO: Lucília! Assim você o desorienta mais ainda.

JOAQUIM: Brigamos no meio da rua. Eu... eu... Não sei! Fiquei transtornado. A vergonha que senti... (*Esconde o rosto nas mãos*)

LUCÍLIA: Papai! (*Abraça-o*) Perdoa-me. Acalme-se. Nós havemos de encontrar uma solução.

(*Marcelo sai do quarto, já vestido, anda pela sala, examina os objetos em cima da mesa e depois sai apressado pelo corredor*)

JOAQUIM: Não sei como, minha filha, mas, de repente, senti como se estivesse só naquela cidade. Parecia que todas as portas estavam fechadas para mim. Eu não conhecia mais ninguém. Percebia que atrás das janelas todos me olhavam e... ninguém... ninguém...

LUCÍLIA: Não, papai, o senhor não está só. Eu estou aqui. Nós estamos aqui. O senhor vai ver que nem tudo está perdido.

JOAQUIM: Quando cheguei e ouvi você falando...

LUCÍLIA: Não pretendo deixá-lo. Nunca!

JOAQUIM: (*Subitamente*) Preciso encontrar uma solução.

LUCÍLIA: Nós vamos encontrar, papai.

JOAQUIM: Não entregarei minha fazenda, assim sem mais nem menos.

LUCÍLIA: Não vamos entregar.

OLÍMPIO: Lucília! Pense no que está dizendo! Tudo vai depender de você.

JOAQUIM: Isso é roubo! Não podem tomar o que me pertence.

LUCÍLIA: Não deixaremos.

JOAQUIM: Meus direitos sobre essas terras não dependem de dívidas. Nasci e fui criado aqui. Aqui nasceram meus filhos. Aqui viveram e morreram meus pais. Isto é mais do que uma simples propriedade. É meu sangue! Não podem me fazer isso!

OLÍMPIO: Eu sei, "seu" Quim, mas é preciso considerar a situação, não perder a calma. Lembre-se de sua família.

LUCÍLIA: Papai! Ouça-me: é melhor pensarmos com calma.

JOAQUIM: (*Animando-se pouco a pouco*) Hei de encontrar um meio. Não entrego minha fazenda sem lutar até o fim.

LUCÍLIA: Isto mesmo, papai. Vamos lutar.

OLÍMPIO: Não seja insensata, Lucília!

LUCÍLIA: (*Aspera*) Estou com papai em tudo e por tudo.

JOAQUIM: Pensei morrer antes de ver este dia. Não se tem mais respeito por nada. Não existem mais amizades. Não se pode acreditar na palavra de ninguém. Não entregarei mi-

nhas terras por nada! (*Subitamente*) Pode dizer a eles, na cidade, que se vierem aqui eu os receberei a bala, a bala! está ouvindo?

LUCÍLIA: Papai!

JOAQUIM: (*Apoplético*) Não me importo de morrer. Nada de bom, nada de decente restará depois disto.

LUCÍLIA: Não, papai! Não! Acalme-se!

JOAQUIM: Nem meus filhos poderão me respeitar. (*Lucília tenta abraçar Joaquim*)

OLÍMPIO: "Seu" Quim!

JOAQUIM: Ninguém! Deixe-me, minha filha.

LUCÍLIA: Não, papai, pelo amor de Deus, acalme-se!

JOAQUIM: (*Libertando-se de Lucília*) São terras que pertenceram a meus pais. Que são de meus filhos. São minhas! (*Anda, desorientado, pela sala*) Isto é sagrado! Só Deus... só Deus... (*Pára, ofegante*)

LUCÍLIA: (*Desesperando-se*) Olímpio! Ajude-nos. Não deixe que papai fique assim!

JOAQUIM: Ninguém vai me tirar daqui. (*Cai ajoelhado diante dos quadros*)

LUCÍLIA: Mamãe! *(Corre para a cozinha)*
Mamãe!

JOAQUIM: Meu Deus!... Eu... eu... *(sua voz não sai)*

HELENA: *(Aparece acompanhada por Lucília)* O que foi? O que é isto?

JOAQUIM: Não tire minhas terras!

HELENA: Quim! *(Abraça-o)* Quim! Não desespere!

JOAQUIM: Não tire minha fazenda. Não tire minha fazenda.

LUCÍLIA: Papai! Nós vamos lutar. Se for preciso, morreremos aqui. Não vamos sair. Acalme-se.

HELENA: Lucília! Contenha-se! Venha, Quim. Nós daremos um jeito. *(Levanta-o)*

JOAQUIM: Tudo o que é nosso, Helena, vendido assim, como se fosse coisa sem dono.

HELENA: Precisamos ser fortes, não nos deixar levar. Deus sabe o que faz.

JOAQUIM: Eu estava lá e não podia fazer nada. Nada!

HELENA: Venha.

JOAQUIM: Ninguém vai me tirar daqui, ninguém, ouviu?

HELENA: *(Leva-o para o quarto)* Está certo, Quim. Nós daremos um jeito. Tenha calma. *(Saem)*

(Pausa)

OLÍMPIO: *(Fica sem saber o que fazer)*
Lucília!

LUCÍLIA: Eu disse a você. Compreende agora?

OLÍMPIO: Compreendo.

LUCÍLIA: *(Pausa)* Olímpio! Diga-me: não há mesmo mais esperança nenhuma?

OLÍMPIO: Não sei, Lucília. Tudo é possível.

LUCÍLIA: Temos que entregar o que é nosso, que sempre foi nosso, assim, como se estivessemos com as mãos amarradas?

OLÍMPIO: Temo que sim.

LUCÍLIA: *(Desanimada)* Temos que sair, então?

OLÍMPIO: É indispensável que você convença seu pai. Agora não há outra solução.

LUCÍLIA: *(Pausa)* Está bem.

OLÍMPIO: Vou estudar o processo e, se houver alguma falha, entrarei imediatamente com um recurso. Teremos, assim, tempo para es-

perar uma resolução do Governo. Não é possível que ele deixe uma classe inteira ir à ruína, sem tomar uma providência qualquer.

(Pausa)

(Neste instante, Marcelo aparece na porta em arco. Marcelo está com o rosto contraído; fica observando Lucília e Olímpio. Quando Lucília e Olímpio derem com ele, Marcelo estampará no rosto um sorriso forçado)

OLÍMPIO: Lucília!

LUCÍLIA: Convencerei papai.

OLÍMPIO: É preciso lutar contra esse desespero e aceitar a realidade, se for necessário.

LUCÍLIA: Meu sentimento de família e de felicidade está ligado às nossas terras. Em minha família foi sempre assim. Não aprendi a sentir de outra maneira. É esta a única realidade.

OLÍMPIO: (Pausa) Está bem, Lucília.

LUCÍLIA: Nós não podemos ser destruídos. E isto ainda depende de nós. (Pausa) Agora vá. Antes de mais nada, precisamos dar uma esperança a papai. (Dão com Marcelo)

MARCELO: Como vai?

OLÍMPIO: Bem. E você?

MARCELO: (Sorri) Como sempre.

(Lucília e Olímpio saem pela porta em arco. Marcelo olha para trás e depois vem até o meio da sala. Por um momento dá a impressão de extremo abandono. Torna a contrair o rosto)

MARCELO: Mamãe!

HELENA: (Entrando) Fale baixo, meu filho.

MARCELO: (Sorri novamente) Que foi?

HELENA: Seu pai está descansando.

MARCELO: Papai deitado a esta hora?! O mundo vai acabar!

HELENA: Então, você não sabe, meu filho?

MARCELO: Não. Saber o quê? Estou chegando agora.

HELENA: Onde você anda com a cabeça, Marcelo?

MARCELO: (Sorri) No mundo da lua. Papai já disse isso, não se lembra?

HELENA: Meu filho! A fazenda de seu pai foi à praça. Temos que sair daqui.

MARCELO: Ora, mamãe! Quem pode nos obrigar a sair daqui?

HELENA: Não brinque, Marcelo!

MARCELO: Papai dará um jeito. Não quero ver você triste. Olhe só o que eu trouxe. (*De-sembrulha um véu*) Não é uma beleza?

HELENA: (*Reprimindo as lágrimas*) É!

MARCELO: Andei pela cidade toda para encontrar o mais bonito. Experimente. (*Põe o véu em Helena*) As santas vão ficar com ciúmes! A mais bela...

HELENA: Meu filho! (*Soluça*)

MARCELO: (*Abraça-a*) Não chore. (*Contrai o rosto*) Não quero que sofra. Eu sei que não sei fazer nada, só vivo sonhando, no mundo da lua! ...mas estou aqui, junto de você. Tudo! menos vê-la chorar. (*Seu rosto contrai ainda mais*) Mamãe! Por favor, não chore. Eu... (*procura se dominar*) ...nunca deixarei você. Não sou mais o seu companheiro?

HELENA: (*Olha para Marcelo e este desvia o rosto*) Você sabia, meu filho?

MARCELO: (*Fugindo*) Tenho uma porção de coisas engraçadas da cidade para contar...

HELENA: (*Corta*) Diga, Marcelo, você já sabia?

MARCELO: (*Gesto, afirmativo, de cabeça*)

HELENA: Sempre tive medo que isto acontecesse.

MARCELO: Mamãe! Ainda podemos salvar a fazenda. Ouvi o Olímpio dizer qualquer coisa a Lucília!

(*Lucília entra pelo corredor no Primeiro Plano, acompanhada por Olímpio. Lucília vem rígida, até a mesa e senta-se; fica examinando os objetos que estão em cima da mesa*)

HELENA: (*Segundo plano*) Só Deus sabe.

MARCELO: (*Segundo plano*) É verdade. Eu ouvi. Pergunte a Lucília!

HELENA: (*Segundo plano*) Meu filho! Eu sei me conformar.

MARCELO: (*Segundo plano*) Se tivermos que sair, para onde vamos?

HELENA: (*Segundo plano*) Não sei, ainda. Se tivermos que sair, só peço a Deus que dê confiança ao Quim; que ele não perca nunca a esperança de voltar.

OLÍMPIO: (*Primeiro plano*) (*Chamando*) Lucília!

MARCELO: (*Segundo plano*) Papai não merecia isso.

LUCÍLIA: (*Primeiro plano*) (*Como se voltasse a si*) É melhor assim. Não se tem mais esperança e pronto.

HELENA: (*Segundo plano*) Deus sabe o que faz.

MARCELO: (*Segundo plano*) (*Falsa alegria*) Mas não importa. Arranjarei um emprego e conquistarei o mundo para você.

HELENA: (*Segundo plano*) Os anjos que digam amém. Venha, meu filho, venha falar com seu pai. Agora ele precisa de todo o nosso apoio. (*Entram no quarto de Joaquim*)

PRIMEIRO PLANO

LUCÍLIA: A gente se sente à parte, sem sentido.

OLÍMPIO: (*Pequena pausa*) Quer que fale com seu pai sobre a decisão do Tribunal? Ou você mesma quer falar?

LUCÍLIA: Você poderá explicar melhor. (*Retesa-se*) Para um advogado, aquilo talvez tenha lógica.

OLÍMPIO: Lucília!

LUCÍLIA: Não estou lhe censurando. As leis não foram feitas por você.

OLÍMPIO: Voltarei aqui com seu pai. (*Dirige-se para a porta*)

LUCÍLIA: Olímpio!

OLÍMPIO: Que é Lucília?

LUCÍLIA: Leia... leia mais uma vez a sentença do juiz... a parte final.

OLÍMPIO: Lucília! Você me prometeu não tocar mais nisto.

LUCÍLIA: Quero ouvir a sentença ainda uma vez. Faça-me o favor.

(*Olímpio abre a pasta e tira alguns papéis. Marcelo aparece à porta do quarto de Joaquim, no Segundo Plano; olha longamente a sala. Enquanto Olímpio lê, Marcelo atravessa a sala em direção a seu quarto, examinando tudo*)

OLÍMPIO: (*Lê*) "Não procede a nulidade alegada. A lei manda publicar os editais no *Diário Oficial* e em jornal local, onde houver... Etimologicamente, jornal vem do italiano *giornale* e de *giorno*; do latim *diurnus*, de *dies-diei*, quer dizer, diário. Ora, na comarca não há diário e sim semanários. Não é obrigatória a publicação em semanários..."

(*No Segundo Plano, Marcelo volta-se angustiado e corre para seu quarto. Quando Marcelo corre, Helena aparece à porta de seu quarto e fica olhando Marcelo. Idêntico movimento de Helena, que também examina a sala, angustuada*)

LUCÍLIA: *(Num sussurro)* Dies-diei!

OLÍMPIO: Lucília!

LUCÍLIA: Obrigada. Até à vista.

OLÍMPIO: *(Pausa)* Até logo.

(Olimpio sai. Lucília fica repetindo: "DIES-DIEI". No Segundo Plano, cresce a angústia de Helena. Lucília levanta-se, tira o vaso de flores de cima da máquina e a toalha; depois abre-a com resolução)

HELENA: *(Segundo Plano)* *(Enquanto Lucília tira o vaso de flores e a toalha, Helena cai ajoelhada na frente dos quadros)* Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós! Tirai nossas terras, mas conservai, conservai, eu vos suplico... *(Olha para o quarto de Joaquim e subitamente esconde o rosto nas mãos. Enquanto Lucília abre a máquina de costura...)*

Pano.

TERCEIRO ATO

CENÁRIO — O mesmo dos atos anteriores. A sala do Primeiro Plano está exatamente como terminou no segundo ato; a do Segundo Plano, porém, já não tem os objetos de uso caseiro e os enfeites; só restam os móveis descobertos, os dois quadros na parede e o relógio.

AÇÃO — No Segundo Plano, algum tempo depois; no Primeiro Plano, imediatamente à do segundo ato.

CENA — Ao abrir-se o pano, Lucília está à máquina. De repente olha o relógio, levanta-se e vai ao corredor, segurando ainda a sua costura.

LUCÍLIA: Mamãe! É a senhora, mamãe?

(Lucília volta à máquina de costura. Helena aparece no Segundo Plano, vindo do seu quarto; está abatida e parece ainda mais envelhecida. Apesar de continuar empertigada, dá impressão de frágil, angustiada. Helena olha a sala, demorando os olhos nos móveis; vai à porta da cozinha e...)

SEGUNDO PLANO

HELENA: Quim! Quim!

JOAQUIM: *(Voz que vem da sala ao fundo)*
Que é?

HELENA: *(Gesto de aborrecimento)* Que está fazendo aí no escuro?

JOAQUIM: *(Voz)* Nada. Descansando.

HELENA: Já fechei as janelas. Você tornou abrir?

JOAQUIM: *(Voz)* Não.

HELENA: Aqui está mais claro.

JOAQUIM: *(Voz)* Assim é melhor. Senti vontade de ficar sentado no escuro.

HELENA: Está preocupado, Quim?

JOAQUIM: *(Voz)* Não. Há muito tempo que não ficava aqui, nesta salinha.

HELENA: Não quero que se preocupe.

JOAQUIM: *(Voz)* Não estou preocupado.

HELENA: Então, venha para cá.

(Pausa. Joaquim aparece à porta em arco, pára e olha para Helena. Joaquim também envelheceu, mas não tanto como Helena. Atrás de sua calma, nota-se uma ansiedade dolorosa)

JOAQUIM: Você viu que o balaústre do alpendre estragou?

HELENA: Não.

JOAQUIM: Está rachado!

HELENA: Deve ser o sol.

JOAQUIM: Preciso mandar consertar.

HELENA: Não gosto, Quim, que você fique assim!

JOAQUIM: Assim, como?

HELENA: Examinando tudo.

JOAQUIM: Não estou examinando nada.

HELENA: Está sim. Tenho visto você por aí, como se estivesse procurando alguma coisa.

JOAQUIM: Apenas vi que o balaústre está estragado e que preciso mandar consertar. O que tem isso de extraordinário?

HELENA: Já está estragado há tanto tempo!

JOAQUIM: Como é que não me disse nada? O que é que vão pensar de nós?

HELENA: Não está rachado, apenas descascado.

JOAQUIM: Estou dizendo que está rachado é porque está rachado.

HELENA: Descascado. Também sei distinguir as coisas.

JOAQUIM: (*Joaquim olha para Helena*) Está certo, minha velha. Descascado!

(*Joaquim dá uma volta pela sala*)

HELENA: Sente-se, Quim. Já andou muito hoje.

JOAQUIM: Não quero.

HELENA: Por que se levantou tão cedo? Ainda estava escuro.

JOAQUIM: (*Impaciente*) Sempre me levantei a esta hora.

HELENA: (*Com doçura*) Eram três e meia, Quim.

JOAQUIM: Estava sem sono.

HELENA: (*Pausa*) O que será que aconteceu na colônia esta noite?

JOAQUIM: Por quê?

HELENA: Não ouviu o barulhão que fizeram os cachorros? Um deles começou a latir e todos acompanharam.

JOAQUIM: Cachorro de colônia é assim mesmo; late à toa, faz barulho por qualquer coisa.

HELENA: (*Pausa*) E como cantaram os ga-

los! Quando ia terminando um, começava outro; ora perto, ora longe. Logo depois da meia-noite... (*Os dois se olham*) ...tive a impressão de que algum bicho estava pegando uma galinha. Não ouviu o barulho?

JOAQUIM: Foi aí, na mexeriqueira. Os cachorros-do-mato não chegam assim tão perto da casa. Alguma galinha deve ter caído do poleiro.

HELENA: Com certeza foi a do pescoço-pelado. Ela dorme lá e é arrelenta como ela só.

JOAQUIM: (*Olha para a bandeira da porta de seu quarto*) Um dos vidros da bandeira precisa ser trocado. Entra muita luz no quarto. Acho que foi isso que não me deixou dormir.

HELENA: (*Olhando também*) Deve ser.

(*Helena fez menção de perguntar alguma coisa, mas desiste, demonstrando certo receio*)

JOAQUIM: (*Pausa*) O forro do nosso quarto (*Olha para cima, examinando o forro da sala*) ainda está perfeito.

HELENA: Antigamente sabiam trabalhar.

JOAQUIM: Faziam as coisas para o resto da vida!

HELENA: (*Pausa. Luta contra um pensamento, decidindo-se subitamente*) Por que não conversou comigo de noite?

JOAQUIM: (*Violento*) Ora, Helena, a noite foi feita para dormir.

(*Pausa longa*)

HELENA: (*Calma*) Foi na lavoura. Quim?

JOAQUIM: Fui.

HELENA: Está tudo em ordem?

JOAQUIM: Tudo.

HELENA: E...? (*Pára, indecisa*)

JOAQUIM: A chuva foi boa, molhou bastante.

HELENA: (*Forçando*) E o café?

JOAQUIM: A florada abriu. (*Anima-se*) O cafezal está uma beleza, branco como um véu! Se chover mais, vamos ter uma colheita... (*Pára subitamente. Helena olha para ele e Joaquim desvia o rosto*)

HELENA: Quim! (*Levanta-se*)

JOAQUIM: (*Anda impaciente, pela sala*) O barulho da chuva durante a noite; aquele cheiro de terra invadindo o quarto...!

HELENA: Quim! Olhe para mim. Que foi

que combinamos? Partir como se fôssemos apenas fazer uma viagem, não foi?

JOAQUIM: Naturalmente que é apenas uma viagem, mas não posso deixar de sentir.

HELENA: Está certo. Não quero que sofra por causa disto.

JOAQUIM: (*Violento*) Quem é que disse que estou sofrendo?

HELENA: Ninguém, Quim, ninguém.

JOAQUIM: Não posso compreender essa sua calma! Sabe lá quem é essa gente que vem morar aqui? (*Pausa*) Onde está minha cadeira de balanço?

HELENA: Já mandei embora. Sente-se aqui.

JOAQUIM: (*Impaciente*) Já disse que não quero me sentar!

(*Pausa. Joaquim vai à porta em arco e fica olhando para fora*)

HELENA: Quim!

JOAQUIM: (*Distante*) Humm!

HELENA: Que é que está olhando aí?

JOAQUIM: Nada. (*Olha para Helena*) Não sei por que usei tão pouco a salinha?!...

HELENA: Você nunca parava em casa durante o dia.

JOAQUIM: Podia ter me sentado ali, à noite.

HELENA: Cansados como ficávamos?! A noite só queríamos deitar.

JOAQUIM: Há sempre tanta coisa para se ver, que não se tem tempo nem de pensar.

HELENA: Você sumia o dia inteiro!

JOAQUIM: *(Pausa)* Helena!

HELENA: Que é?

JOAQUIM: Você se lembra?

HELENA: Do quê?

JOAQUIM: De quando ficamos a sós pela primeira vez?

HELENA: Não, não me lembro.

JOAQUIM: Não se lembra mais?!

HELENA: Como havia de me lembrar, Quim?!

JOAQUIM: Foi aqui, nesta salinha! *(Olha novamente para fora)*

HELENA: *(Pausa)* Não foi!

JOAQUIM: Como não foi?

HELENA: *(Sorri)* Foi na estrada, quando vínhamos para cá.

JOAQUIM: Digo aqui, em casa.

HELENA: Ah!

JOAQUIM: *(Pausa)* Naquela época não havia o nicho, a janela grande; mas é ainda a mesma sala, são os mesmos móveis!

HELENA: *(Recordativa)* A casa me pareceu grande demais.

JOAQUIM: Só para nós dois.

HELENA: Pensei que não fosse dar conta.

JOAQUIM: Você só podia ser uma boa dona de casa!

HELENA: Foi o que mamãe me ensinou.

JOAQUIM: *(Pausa)* Há uma coisa que sempre quis perguntar, Helena.

HELENA: Diga.

JOAQUIM: O que foi que pensou de mim no momento em que ficamos a sós?

HELENA: Nada.

JOAQUIM: Nada?!

HELENA: Nada. Não conhecia você direito.

JOAQUIM: (*Irritado*) Você tem cada uma! A gente vê uma pessoa e sente alguma coisa!

HELENA: Não sei; não me lembro. Sabia, desde menina, que ia casar com você, mas... (*sorri*) acho que ouvi sua voz pela primeira vez quando disse "Sim" lá na capela!

JOAQUIM: Não queria casar comigo?

HELENA: Não sei. Não me perguntaram.

JOAQUIM: E se tivessem perguntado?

HELENA: Não me perguntariam nunca.

JOAQUIM: (*Violento*) Mas, e se perguntassem?

HELENA: Como vou saber, Quim? Eu nem sabia o que era isso.

JOAQUIM: E depois?

HELENA: Naturalmente que sim. (*Entreolham-se evocativos*)

JOAQUIM: Quando voltarmos para a fazenda, vou me sentar mais nesta salinha.

HELENA: (*Subitamente triste*) Quando... (*pára*)

JOAQUIM: (*Sem ter percebido*) Sabe o que estive pensando hoje no cafezal? Que devia ter me casado mais cedo!

HELENA: Por quê?

JOAQUIM: Teríamos aproveitado mais.

HELENA: Aproveitamos tanto!

JOAQUIM: Pois me parece que foi ontem que chegamos aqui, juntos.

HELENA: Sabe? No começo você me atemorizou, é verdade. Tinha um ar tão respeitável com aqueles bigodões. Parecia meu pai! (*Riem*)

JOAQUIM: Com a morte de papai, fiquei, ainda muito moço, o chefe da família.

HELENA: Tivemos três dias de festas quando casamos. Naquele tempo é que se sabia fazer festas! Estavam todos lá! Era uma gente bem diferente, não é, Quim?

JOAQUIM: Muito! Os antigos eram de peso.

HELENA: A Donana, a Madrinha, a Betica, o Coronel Orlando, o Coronel Francisco, o Coronel Torquato!

JOAQUIM: É gente que não se vê mais!

HELENA: Como discutiam! E como falavam alto! Davam a impressão de briga, quando estavam apenas conversando.

JOAQUIM: Bastava tocar em caçadas, ou em política!

HELENA: (*Pausa*) Já não se caça como antigamente!

JOAQUIM: O pessoal de hoje é muito "perrengue". Só sabe ficar na cidade, fazendo o que não deve! (*Pausa*) Quero morrer como meu avô: caçando.

HELENA: Se a gente pelo menos morresse... (*disfarça*) como quer!

JOAQUIM: Meu avô comeu a matula e sentou-se encostado ao tronco de uma árvore. Quando os outros caçadores chegaram, já estava morto. Um dos cachorros estava deitado em sua perna... e ele parecia dormir!

HELENA: (*Evocativa*) Três dias de festas!

JOAQUIM: Eu tomava parte nas discussões, mas era em você que pensava.

HELENA: Sabe o que é que eu pensava? Na minha casa. Na casa de meus pais. Eu julgava que, depois que tudo aquilo acabasse, ia voltar para lá!

JOAQUIM: Ora, Helena!

HELENA: É verdade. Fiquei apavorada quando me vi em cima daquele cavalo e sozinha com você, na estrada.

JOAQUIM: Não me passou pela cabeça que ia ser tão feliz!

HELENA: Para não sentir medo, sabe no que comecei a pensar? Como se dava ponto em goiabada, como se fazia sabão de cinza, como se aproveitava o leite para fazer queijo e o que devia fazer para me tornar uma boa fazendeira. Tentava me lembrar de todas as recomendações de minha mãe, uma por uma!

JOAQUIM: (*Pausa*) Para no fim... chegarmos a isto!

HELENA: (*Aflita*) Não, Quim! Não comece outra vez.

JOAQUIM: Você, meus filhos, todos, no fundo, me censuram.

HELENA: Nem eles, nem eu, podemos acusar você. Nem ninguém! Já disse isso tantas vezes!

JOAQUIM: Essas coisas a gente sente, minha velha. Não é preciso ninguém dizer.

HELENA: É uma situação apenas passageira, Quim. Tudo vai acabar bem.

JOAQUIM: Eu sei que vai acabar bem. Tem que acabar bem. Estou me referindo ao que aconteceu.

HELENA: Entregamos nossa fazenda a esta

gente até se decidir o processo, depois vamos voltar. Não foi assim que o Olímpio explicou?

JOAQUIM: Foi.

HELENA: Não há razão, portanto, para nos atormentarmos. Não é verdade?

JOAQUIM: (*Com esforço*) É.

HELENA: (*Pausa longa*) Quim! Quem arrematou a fazenda?

JOAQUIM: Não conheço.

HELENA: Não são fazendeiros?!

JOAQUIM: Acho que não.

HELENA: (*Pausa*) Não é melhor levarmos nossas coisas?

JOAQUIM: Que coisas?

HELENA: Nossos móveis... tudo, enfim.

JOAQUIM: Helena! Já disse que não levamos nada. Não estamos fazendo uma mudança!

HELENA: Não posso imaginar uma casa sem meus móveis. (*Olha os móveis*)

JOAQUIM: (*Pausa*) O que me preocupa mais são as minhas jabuticabeiras.

HELENA: Por quê?

JOAQUIM: Ora, Helena! É preciso soltar a água nas valetas para molhar as jabuticabeiras. Fiz isso a vida inteira, será que você não sabe?!

HELENA: Naturalmente que sei.

JOAQUIM: Se não molhar, a florada não abre.

HELENA: Podemos recomendar aos novos donos... (*Pára*)

JOAQUIM: (*Furioso*) Que novos donos? O único dono aqui ainda sou eu. Você parece que tem prazer em entregar o que é nosso!

HELENA: Podemos pedir a eles que ponham água de vez em quando!

JOAQUIM: Gente que não conhecemos. Não vamos pedir nada a eles.

HELENA: Está bem, Quim. Como achar melhor.

JOAQUIM: (*Pausa. Joaquim olha para o relógio*) Seria bom tirar agora?

HELENA: O quê?

JOAQUIM: O relógio.

HELENA: Na hora de sair nós tiramos.

JOAQUIM: (*Pausa*) Foi presente de casamento de meu avô ao meu pai. Sabe? Meu avô tinha um propósito. Os antigos não davam nada assim sem mais nem menos. Sabiam sempre o que era mais útil. Junto com o presente veio a recomendação: "Meu filho! Não deixe nunca o sol pegar você na cama e saiba dividir o seu tempo que tudo..." Disto ninguém poderá me acusar, Helena. Em toda a minha vida, só aquela vez quando tive maleita, não vi o sol nascer.

HELENA: Ninguém vai acusar você de nada, Quim. Já disse isso!

JOAQUIM: Até hoje não compreendi como foi que tudo isso aconteceu!

HELENA: As coisas mudam, Quim. Às vezes, não somos culpados do que nos acontece... (*disfarça*) embora tudo pareça erro nosso.

JOAQUIM: Naquele dia, andei como um louco pela cidade; em cada casa que entrava, era como não se encontrasse ninguém. Estamos sós, Helena; nem parentes, nem amigos! Não sei o que foi feito deles.

HELENA: Nós nos afastamos de todos, Quim. Não freqüentamos nada!

JOAQUIM: E para quê? Uma gentinha, que não sei de onde veio, tomou conta de tudo!

HELENA: As cidades também crescem. É por isso que aparecem tantas caras novas!

JOAQUIM: Vivíamos muito bem sem elas. Gentina!

HELENA: (*Sorri*) Nós não saímos daqui, não acompanhamos nada. Antes, as reuniões eram feitas nas fazendas! Hoje, são feitas na cidade... e estivemos sempre longe de tudo!

JOAQUIM: Fizemos muito bem.

HELENA: A verdade, Quim, é que não evoluímos!

JOAQUIM: Não sei; pode ser. (*De repente*) Vou ver se já recolheram as vacas.

HELENA: Você viu que as formigas tornaram a sair?

JOAQUIM: Não. Onde?

HELENA: Novamente ali.

(*Helena aponta para a esquerda, entre a porta em arco e a de seu quarto*)

JOAQUIM: Precisamos pôr água quente.

HELENA: São danadas, nunca vil!

JOAQUIM: Espere. Vou buscar a chaleira.

(Helena fica examinando a parede. Elvira aparece em baixo, no Primeiro Plano)

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Bom dia, Lucília.

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Bom dia. *(Lucília, que estivera o tempo todo sentada à mesa, costurando à mão, levanta-se e vai à máquina)*

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Onde está Helena?

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Não sei. Acho que saiu.

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Posso experimentar o vestido?

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Pode.

ELVIRA: *(Primeiro plano)* *(Pega o vestido)* O Olímpio voltou, não é?

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Voltou.

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Alguma novidade?

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Não sei.

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Soube que não pretende costurar mais.

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Quem disse?

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Seu pai.

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Não sei, ainda.

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Espero que faça exceção para mim. *(Sai)*

HELENA: *(Segundo plano)* Quim!

JOAQUIM: *(Segundo plano)* *(Entrando)* Onde?

HELENA: *(Segundo plano)* Olhe aqui. Está vendo?

JOAQUIM: *(Segundo plano)* Não.

HELENA: *(Segundo plano)* Aqui. Viu?

JOAQUIM: *(Segundo plano)* *(Agacha-se)* Vi. *(Despeja a água)*

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* *(Vai à parede do fundo e passa a mão no galho de jabuticabeira; tem um momento de desânimo e dirige-se para a máquina de costura)*

JOAQUIM: *(Segundo plano)* Desta vez elas me pagam. Quero ver se tornam a sair.

HELENA: *(Segundo plano)* Nunca vi formiga mais daninha.

JOAQUIM: *(Segundo plano)* Se deixarmos, elas tomam conta da casa.

HELENA: *(Segundo plano)* Já invadiram o guarda-comida.

JOAQUIM: (*Segundo plano*) Elas são sabidas. (*Levanta-se*) Saíram na cozinha também?

HELENA: (*Segundo plano*) (*Levantando-se*) Saíram. (*Saem para a cozinha*)

PRIMEIRO PLANO

ELVIRA: (*Entrando*) Para falar a verdade, não gosto muito deste tipo de vestido, mas é a moda, o que se pode fazer!

LUCÍLIA: Fica bem na senhora.

ELVIRA: Fica? Você acha que fica?

LUCÍLIA: Se não achasse, não teria dito.

ELVIRA: Que foi?

LUCÍLIA: Nada, por quê?

ELVIRA: Parece nervosa.

LUCÍLIA: Estou cansada.

ELVIRA: Não vá me espetar. Tenho horror de alfinetes!

LUCÍLIA: Já aconteceu isso alguma vez?

ELVIRA: Não. Ah! Esqueci de avisar o Quim: o café vem amanhã.

LUCÍLIA: (*Seca*) Vou falar com papai.

ELVIRA: O que é que você tem?

LUCÍLIA: Nada, já disse.

ELVIRA: Pensei que estivesse satisfeita.

LUCÍLIA: Por que haveria de estar?

ELVIRA: Aconteceu alguma coisa?

LUCÍLIA: Não. Não posso ficar aborrecida?

ELVIRA: Não devemos nos aborrecer. Isso envelhece a gente.

(*Lucília ajoelha-se para ajustar a barra do vestido de Elvira. No Segundo Plano, Helena aparece vindo da cozinha, olha a sala e, de repente, volta-se e fica observando a salinha; depois, lentamente, anda e desaparece*)

LUCÍLIA: Tenho a impressão de que a senhora não vai envelhecer nunca.

ELVIRA: Por quê?

LUCÍLIA: Por não ter nada com que se aborrecer.

ELVIRA: Você é que não sabe! Se soubesse o trabalho, as dores de cabeça que me dá este Asilo! Se não tomar a iniciativa de fazer o que é preciso, ninguém toma. Não me incomodo de ajudar, mas acho que é preciso cooperação. Todos devem dar! Só eu, sempre eu! Já tenho muitas despesas. E depois, minha filha, o Augusto...

LUCÍLIA: (*Corta bruscamente*) Não me chame de sua filha.

ELVIRA: Por quê?

LUCÍLIA: Porque não sou sua filha.

ELVIRA: (*Pausa. Elvira olha para Lucília*)
O Augusto está ficando tão ranzinza.

LUCÍLIA: Ranzinza, como?

ELVIRA: Acha que sou mão-aberta demais,
que sustento sozinha o Asilo e ...coisas assim.
Sempre soube fazer economia!

LUCÍLIA: Aconselho a senhora a não nos
trazer mais nada.

ELVIRA: Por que não? Também tenho di-
reito. Dou o que quiser a quem quiser.

LUCÍLIA: (*Ainda ajoelhada*) A senhora não
pode ficar um instante parada? Assim não
posso acertar esta barra.

(*Pausa*)

ELVIRA: (*Desconfiada*) O Olímpio não trou-
xe mesmo novidade nenhuma?

LUCÍLIA: Trouxe. Papai perdeu o processo.

ELVIRA: Perdeu?

LUCÍLIA: Exatamente.

ELVIRA: (*Abatida*) Coitado do Quim!

LUCÍLIA: Acho melhor assim. Não se tem
mais esperança e pronto.

ELVIRA: E você me conta isto, assim?!

LUCÍLIA: Para a senhora que diferença faz?

ELVIRA: Muita! Por que é que me diz isto?

LUCÍLIA: Porque penso assim.

ELVIRA: (*Pausa*) Acho que no fundo, bem
no fundo, o Quim não esperava mais.

LUCÍLIA: Por quê?

ELVIRA: O Quim, como eu, sabe sentir suas
culpas.

LUCÍLIA: (*Tesa*) Como assim?

ELVIRA: A gente sente quando uma culpa
nos pesa na alma, tanto como um pecado
qualquer.

LUCÍLIA: E então?

ELVIRA: Afinal, seu pai cometeu muitos
erros. A gente só paga aquilo que deve.

LUCÍLIA: (*Tentando se controlar*) Ainda
não compreendi.

ELVIRA: Primeiro, seu pai ficou com a me-
lhor parte da fazenda quando eu também ti-
nha direito. Depois não soube aproveitar isso
e endividou-se, por culpa exclusivamente dele,
e acabou perdendo tudo. Reconheço que o
Quim sempre foi homem bom, de muito boa-
fé, mas sem visão nenhuma, desastrado para
os negócios.

LUCÍLIA: E para terminar, agrediu tio Augusto naquele dia, não é?

ELVIRA: Foi um gesto infeliz, mas perdoável.

LUCÍLIA: Mas que vocês não perdoaram.

ELVIRA: Quem disse...

LUCÍLIA: (*Corta*) Queriam, com certeza, que ele se arrastasse pelo chão?

ELVIRA: Precisamos aprender a aceitar nossas próprias culpas. Pecamos, erramos, e continuamos a pecar e a errar porque estamos sempre pedindo prazo a Deus para nos corrigirmos.

LUCÍLIA: É muito fácil julgar os outros.

ELVIRA: (*Amargurada*) Chega um dia em que este prazo é tirado definitivamente.

LUCÍLIA: Ainda bem que a senhora pensa assim.

ELVIRA: Não é mesmo?

LUCÍLIA: Tenho certeza de que a senhora também pede prazo para os seus erros, para seus pecados.

ELVIRA: Eu?!

LUCÍLIA: É. Esta ajuda que nos dá é porque também se sente culpada.

ELVIRA: Que culpa tenho eu?

LUCÍLIA: (*Descontrolando-se*) Que culpa? Acha pouco o desespero em que papai tem vivido?!

ELVIRA: Não fui eu quem arruinou seu pai.

LUCÍLIA: Sei disto. Mas, podia ter evitado.

ELVIRA: Eu?!

LUCÍLIA: É. A senhora mesma.

ELVIRA: (*Empertiga-se*) Quem agrediu primeiro foi o Quim e não o Augusto!

LUCÍLIA: Depois daquela resposta grosseira, papai não podia fazer outra coisa.

ELVIRA: Quem precisa dos outros não pode ter orgulho.

LUCÍLIA: Isso mostra bem o que a senhora é. A verdade é que deixou a nossa fazenda ir à praça e ser arrematada por gente que não tinha o menor amor às nossas terras.

ELVIRA: Nós, como todos, também estávamos em má situação.

LUCÍLIA: (*Levanta-se de um ímpeto*) Mentira!

ELVIRA: Lucília! (*Afasta-se*)

LUCÍLIA: É isso mesmo. Mentira! Vocês não perderam nada.

ELVIRA: Você está louca!

LUCÍLIA: Não estou louca, não. Sei bem o que estou dizendo. Esta culpa a senhora vai levar para o túmulo.

ELVIRA: Lucília!

LUCÍLIA: Não vai poder resgatar nunca. O preço dela é o nosso sofrimento, são nossas humilhações. Vocês podiam ter ficado com a fazenda, papai teria onde morrer. Depois era só vender, não a queria para mim.

ELVIRA: Não tive culpa nenhuma. Deus sabe disto.

LUCÍLIA: Preferiram ver a fazenda nas mãos de gente estranha a dar a oportunidade ao papai de morrer em sossego. Vocês souberam vingar!

ELVIRA: Você não sabe o que está dizendo!

LUCÍLIA: Sei muito bem. Quem sabe a senhora pensa que com um latãozinho de leite, café e outras coisas, pode resgatar tudo isso?

ELVIRA: Não quero resgatar nada. Tenho a consciência limpa. Tínhamos compromissos também.

LUCÍLIA: Que compromissos? Compromissos com o seu dinheiro? Nem filhos têm!

ELVIRA: Nunca mais porei os pés aqui.

LUCÍLIA: Pouca diferença faz. Sei e posso sustentar minha casa.

ELVIRA: Você é uma mal-agradecida.

LUCÍLIA: A ajuda que nos deu já foi paga. Não se esqueça de que nunca lhe cobrei um tostão pelo meu trabalho.

ELVIRA: Você não tem respeito?!

LUCÍLIA: Se a senhora merecesse respeito, teria tido um pouco de amor por seu irmão, piedade ao menos. Gostaria que tivesse assistido à chegada deles, quando vieram da fazenda. Só aí poderia compreender até que ponto sofreram! Com o relógio, os quadros e esse... esse galho de jabuticabeira nas mãos... pareciam duas crianças assustadas, com medo de serem repreendidas. Atrás de cada gesto, de cada olhar, havia um pedido de perdão, como se eu... eu pudesse censurá-los em alguma coisa. Egoísta! A senhora é uma mulher má! Papai é mesmo de boa-fé, tem bom coração, caso contrário, teria posto a senhora daqui para fora. O que eles sofreram, você e tio Augusto hão de pagar.

(Elvira vira-se e sai pelo corredor. Lucília, lentamente, cai ajoelhada junto à mesa. No Segundo Plano, Joaquim aparece com um galho de jabuticabeira carregado de flores)

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* *(No auge da angústia)* Papai! Papai!

JOAQUIM: *(Segundo plano)* *(Alegre)* Helena! *(Dá uma volta na sala)* Helena! Olha como está florido este galho de jabuticabeira. Helena! *(Olhando pela porta em arco)* Que foi?

HELENA: *(Segundo plano)* *(Voz)* Nada... Nada!

JOAQUIM: *(Segundo plano)* Você está chorando, minha velha?

HELENA: *(Segundo plano)* *(Voz)* Não. Não estou.

JOAQUIM: *(Segundo plano)* Como não está? Venha para cá. *(Joaquim desaparece em direção à salinha)*

ELVIRA: *(Primeiro plano)* *(Aparece já vestida)* Antes de sair tenho uma verdade a dizer: vocês, os filhos, também não souberam perdoar. Nunca perdoaram a seu pai a pobreza em que ficaram!

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Porque vivíamos desesperados.

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Cada um tem suas razões. Se não ajudei foi porque não pude, e isto basta.

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Pode ficar com seu dinheiro. Faça bastante caridade!

ELVIRA: *(Primeiro plano)* Lucília!

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Ficamos pobres e continuaremos pobres à nossa custa. Agora saia daqui! Já esperei demais por este dia. Felizmente não moramos mais em sua casa, e devo isto ao meu trabalho.

(Elvira sai. Lucília vai até a máquina de costura e cai sentada. Joaquim e Helena aparecem abraçados, vindos da porta em arco)

SEGUNDO PLANO

JOAQUIM: *(Entra falando)* ...Foi a chuva desta noite! Parece que os galhos estão enroscados em algodão. Até nas raízes, fora da terra, abriram flores! O zum-zum das abelhas é de ensurdecer a gente. Veja que beleza! É daquela jabuticabeira que parecia doente.

HELENA: Aquela do fundo do quintal?

JOAQUIM: É. Eu sabia que ela ia arribar.

HELENA: Não pensei que ela fosse... *(vacila)* resistir!

JOAQUIM: Que foi minha velha?

HELENA: Não foi nada.

JOAQUIM: Você me recomendava para ter calma e agora se desespera?

HELENA: Trinta e cinco anos, Quim! Trinta e cinco anos aqui e agora... tudo isto!

JOAQUIM: Já se esqueceu? "Partir como se fôssemos apenas fazer uma viagem!" Não é assim?

HELENA: *(Controlando-se)* É!

JOAQUIM: *(Os dois voltam-se ao mesmo tempo para a porta)* Deve ser o Marcelo.

(Lucília vai ao corredor do Primeiro Plano)

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Mamãe? É você?

(Silêncio. Lucília volta à máquina)

JOAQUIM: Vamos tirar o relógio?

HELENA: E os quadros.

JOAQUIM: Tornaremos a pôr no mesmo lugar quando voltarmos.

HELENA: *(Com esforço)* Naturalmente.

JOAQUIM: Acho que só pegando uma cadeira.

HELENA: Eu levo.

(Pausa longa. O barulho da máquina de costura vai aumentando pouco a pouco, até atingir o ponto máximo. Lucília movimenta as pernas com incrível rapidez. Joaquim sobe com certa dificuldade na cadeira e tira o relógio; põe o relógio em cima da mesa e ficam admirando-o)

HELENA: Quim! Os quadros.

(Tiram os quadros, subindo ao móvel; põem também na mesa. Helena acaricia-os; depois voltam-se e olham a parede nua)

JOAQUIM: Veja, Helena, como ficou marcada a parede.

MARCELO: *(Voz)* Mamãe!

HELENA: *(Abraça, aflita, Joaquim)* Quim! Quim!

JOAQUIM: Não se esqueça: "como se fôssemos apenas fazer uma viagem".

MARCELO: *(Voz)* Onde vocês estão?

HELENA: Aqui... aqui na sala, meu filho.

JOAQUIM: Eu sei o que você está pensando.

HELENA: Não diga mais nada.

(Marcelo aparece à porta em arco e fica olhando para Joaquim e Helena)

JOAQUIM: Não entrego minhas terras sem lutar até o fim.

HELENA: Está certo, Quim.

(Continuam abraçados, dando, porém, impressão de abandono, de indefesos. Marcelo continua rígido, olhando para os dois. Lucília levanta-se e vai ao corredor)

MARCELO: (1.º plano)
LUCÍLIA: (2.º plano) (Juntos) Mamãe!

JOAQUIM: Agora, ânimo, minha velha.

HELENA: As recordações... essas, ninguém poderá nos tomar.

JOAQUIM: Nem nossas terras.

(Lucília volta à máquina)

HELENA: Mesmo que não... Devemos ter fé, Quim. A justiça de Deus é a única que não falha.

JOAQUIM: Nós temos!

MARCELO: Está tudo pronto. Podemos ir.

HELENA: (Pausa) Você recomendou a Rosária para abrir a casa de vez em quando? Não quero que fique suja de pó.

JOAQUIM: Recomendei.

HELENA: Será que as janelas estão todas fechadas?

JOAQUIM: Estão. Você mesma fechou.

HELENA: Quem vai aguar os vasos e o jardim?

JOAQUIM: O Benedito.

HELENA: (Pega um dos quadros) Então, podemos ir.

MARCELO: Pode deixar, mamãe. Eu levo.

HELENA: (Agarra-se ao quadro) Não. Eu mesma quero levar.

(Helena caminha, lentamente, para a porta. No Primeiro Plano, cresce o barulho da máquina de costura)

HELENA: (Pára à porta) Quim! (Sem se voltar) Nossos móveis... Você acredita que os novos donos... Não demore, Quim! (Sai)

(Joaquim e Marcelo ficam olhando para a porta por onde saiu Helena. Lucília pára a máquina e olha para o corredor)

LUCÍLIA: (Primeiro plano) (Ainda sentada) Papai! (Levanta-se, impaciente, vai ao corredor e volta à mesa, sempre segurando a costura)

(Joaquim volta à sala no Segundo Plano e pega o galho de jabuticabeira que havia esquecido em cima da mesa. Torna a sair, procurando não olhar nada. Depois que Joaquim sai, as luzes do Segundo Plano vão diminuindo pouco a pouco até a sala ficar escura)

PRIMEIRO PLANO

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Com certeza, desencontramos.

HELENA: Procurei o Quim e não consegui encontrar.

LUCÍLIA: Deve estar com o Olímpio.

HELENA: Fui ao empório onde ele costuma ir, à igreja, a toda parte!

LUCÍLIA: A senhora não devia andar assim.

HELENA: Se ele pelo menos não fosse tão violento.

LUCÍLIA: Precisamos deixar o papai protestar à vontade, e ficar quietas. É um direito que ele tem. Não pense mais nisto.

HELENA: *(Aflita)* Você sabe como é seu pai, Lucília! Como não hei de pensar?

LUCÍLIA: Não vai acontecer nada, mamãe. Acalme-se.

HELENA: Ele já não tem idade para enfrentar essas coisas.

LUCÍLIA: Mais uma razão para nos mantermos calmas. *(Impaciente)* Não podemos nos descontrolar. Assim ele não sofrerá tanto. *(Volta à costura)*

HELENA: *(Olhando os objetos em cima da mesa)* Não seria melhor guardar tudo isto?

LUCÍLIA: Por quê? Não foi ele mesmo quem pôs aí?

HELENA: Foi, mas agora... pode ser que...

LUCÍLIA: Ele terá que ver um dia; é preferível que veja de uma vez. *(Pausa)*

HELENA: Meu Deus! Por que é que demoram tanto?!

LUCÍLIA: Mamãe! Tenha calma.

HELENA: *(Entregando-se ao desespero)* Não agüento mais. Não agüento mais, minha filha.

LUCÍLIA: *(Abraça Helena)* Não se preocupe. O Olímpio saberá dar a notícia.

HELENA: *(Aflita)* Preferia... Preferia...

LUCÍLIA: O quê? Diga, mamãe.

HELENA: Gostaria que o Olímpio mentisse.

(Joaquim volta à sala no Segundo Plano e pega o galho de jabuticabeira que havia esquecido em cima da mesa. Torna a sair, procurando não olhar nada. Depois que Joaquim sai, as luzes do Segundo Plano vão diminuindo pouco a pouco até a sala ficar escura)

PRIMEIRO PLANO

LUCÍLIA: *(Primeiro plano)* Com certeza, desencontramos.

HELENA: Procurei o Quim e não consegui encontrar.

LUCÍLIA: Deve estar com o Olímpio.

HELENA: Fui ao empório onde ele costuma ir, à igreja, a toda parte!

LUCÍLIA: A senhora não devia andar assim.

HELENA: Se ele pelo menos não fosse tão violento.

LUCÍLIA: Precisamos deixar o papai protestar à vontade, e ficar quietas. É um direito que ele tem. Não pense mais nisto.

HELENA: *(Aflita)* Você sabe como é seu pai, Lucília! Como não hei de pensar?

LUCÍLIA: Não vai acontecer nada, mamãe. Acalme-se.

HELENA: Ele já não tem idade para enfrentar essas coisas.

LUCÍLIA: Mais uma razão para nos mantermos calmas. *(Impaciente)* Não podemos nos descontrolar. Assim ele não sofrerá tanto. *(Volta à costura)*

HELENA: *(Olhando os objetos em cima da mesa)* Não seria melhor guardar tudo isto?

LUCÍLIA: Por quê? Não foi ele mesmo quem pôs aí?

HELENA: Foi, mas agora... pode ser que...

LUCÍLIA: Ele terá que ver um dia; é preferível que veja de uma vez. *(Pausa)*

HELENA: Meu Deus! Por que é que demoram tanto?!

LUCÍLIA: Mamãe! Tenha calma.

HELENA: *(Entregando-se ao desespero)* Não agüento mais. Não agüento mais, minha filha.

LUCÍLIA: *(Abraça Helena)* Não se preocupe. O Olímpio saberá dar a notícia.

HELENA: *(Aflita)* Preferia... Preferia...

LUCÍLIA: O quê? Diga, mamãe.

HELENA: Gostaria que o Olímpio mentisse.

JOAQUIM: (*Tentando ser violento*) Por que é que todos querem que eu me sente?

HELENA: Por nada, nada!

(*Joaquim, depois de pegar um trapo na mesa, senta-se, lentamente. Pausa longa. Joaquim começa a desfiar o trapo*)

LUCÍLIA: (*Avança na direção do pai*). Não! Isso não. Papai! Proteste, grite, fale alguma coisa. Não fique assim! Não fique assim, pelo amor de Deus!

HELENA: Lucília!

LUCÍLIA: É isso mesmo. Proteste. Proteste, papai. O senhor tem direito, nós temos esse direito. As terras são nossas, sempre foram nossas. Ninguém pode nos tomar. Papai! Ainda há esperança, daremos um jeito; é preciso que o senhor não aceite, nós não podemos aceitar.

OLÍMPIO: (*Tenta segurar Lucília*) Lucília!

LUCÍLIA: (*Repele Olímpio*) Deixe-me.

HELENA: Minha filha! Respeite o sofrimento de seu pai.

LUCÍLIA: Não! Não quero ver meu pai assim. Não quero, não quero. Deve haver um jeito. Olímpio! Diga que há. Minta. É preciso que você minta!

OLÍMPIO: Mentir como, Lucília?

LUCÍLIA: Não quero que meu pai fique sem esperança. Não quero.

(*Bate com as mãos no peito de Olímpio*) Não quero! Não...

(*Lucília cai sentada à máquina, ainda repetindo: "NÃO". Pouco a pouco começa a soluçar*)

JOAQUIM: (*Olha para Lucília*) Eu... eu não sofro, não sofro mais, minha filha. Não precisa ter medo. Eu... eu...

(*Lucília não resiste mais e começa a soluçar fortemente. Todo o seu corpo é sacudido pela explosão do desespero e ela se agarra em Olímpio. Olímpio leva-a para fora da sala. Helena caminha lentamente e vai ficar atrás da cadeira de Joaquim; põe a mão em seus ombros. Marcelo senta-se no banco*)

JOAQUIM: (*Subitamente aflito*) Helena! E as minhas jabuticabeiras?

HELENA: Não pense, Quim, não pense mais nisto. Não faltará chuva.

JOAQUIM: (*Pausa*) Em que mês estamos?

MARCELO: Em abril.

JOAQUIM: Abril! (*Pausa*) O café está sendo arruado!

(As luzes vão abaixando lentamente)

MARCELO: Já não se houve o canto das cigarras!

JOAQUIM: O feijão da seca começa a soltar vagens!

HELENA: Os que plantaram... vão começar a colher!

(As vozes se transformam num murmúrio e as luzes apagam definitivamente)

Pano lento.

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO POR
GRAPHOS - INDUSTRIAL GRÁFICO LTDA.,
NA RUA SANTO CRISTO, 70/78,
RIO DE JANEIRO, RJ,
PARA AGIR S.A., NO SEGUNDO
TRIMESTRE DE 1989

EXEMPLAR

6283

TEATRO MODERNO

1. JOANA D'ARC ENTRE AS CHAMAS — Paul Claudel
2. O TEMPO E OS CONWAYS — J. B. Priestley
3. AUTO DA COMPADECIDA — Ariano Suassuna
4. ORAÇÃO PARA UMA NEGRA — Faulkner — Camus
5. O LIVING-ROOM — Graham Greene
6. O DIÁRIO DE ANNE FRANK — Goodrich-Hackett
7. LONGA JORNADA NOITE ADENTRO — Eugene O'Neill
8. A MORATÓRIA — Jorge Andrade
9. DONA ROSITA, A SOLTEIRA — F. Garcia Lorca
10. BODAS DE SANGUE — F. Garcia Lorca
11. DIALOGO DAS CARMELITAS — Georges Bernanos
12. PEDREIRA DAS ALMAS — O TELESCÓPIO — Jorge Andrade
13. O PAGADOR DE PROMESSAS — Alfredo Dias Gomes
14. O NATAL NA PRAÇA — Henri Gheón
15. O RINOCERONTE — Eugene Ionesco
16. A HARPA DE ERVA — Truman Capote
17. YERMA — F. Garcia Lorca
18. A VISITA DA VELHA SENHORA — Friedrich Dürrenmatt
19. CHAPÉU-DE-SEBO — Francisco Pereira da Silva
20. O ANÚNCIO FEITO A MARIA — Paul Claudel
21. A PENA E A LEI — Ariano Suassuna
22. CÉSAR NO RUBICÃO — Theodor H. White
23. DE UMA NOITE DE FESTA — Joaquim Cardozo
24. J.B. — Archibald MacLeish
25. O DESEJADO — ROMANCE DO VILELA — Francisco Pereira da Silva
26. O CAPATAZ DE SALEMA — ANTÔNIO CONSELHEIRO — MARECHAL, BOI DE CARRO — Joaquim Cardozo
27. CRISTO PROCLAMADO — O CHÃO DOS PENITENTES — Francisco Pereira da Silva

A MORATÓRIA